

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Memórias do Comércio 2020-2021

Do professor de cursinho, ao roqueiro fanático, até o cervejeiro em ascensão

História de [Alexandre Zanin](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 24/07/2021

Projeto Memórias do Comércio de São José do Rio Preto 2020/2021

Entrevista de Alexandre Zanin - Vila Dionísio

Entrevistado por Luís Paulo Domingues e Cláudia Leonor

07 de Maio de 2021

MC_HV069

Transcrito por Selma Paiva

(02:38) P1 – Zanin, então, pra começar, eu gostaria que você dissesse seu nome completo, a data de nascimento e o local que você nasceu.

R1 – Meu nome é Alexandre Zanin, né, eu nasci em São José do Rio Preto, doze de junho de 1975.

(02:56) P1 – Legal. E qual que é o nome do seu pai e da sua mãe?

R1 – Meu pai é ngelo Luiz Zanin. Minha mãe é Marina Elisa de Oliveira Zanin.

(03:09) P1 – Legal. E os seus avós, você tem contato com eles, ou teve contato? Como que eles chamam?

R1 – Eu tive contato com meus avós maternos, né? A minha avó materna... minha avó paterna faleceu quando meu pai tinha treze anos, então até meu pai acabou vivendo muito pouco com ela. O meu avô paterno faleceu no início dos anos oitenta, né e eu tinha cinco, seis anos, né, era bem novinho, então eu tenho lembranças muito vagas deles, né? Até porque também morávamos em outra cidade e tudo o mais. Ele era de Fernandópolis. E os meus avós maternos, né, a minha avó materna, a “bisa”, né, ela continua viva até hoje, né. Está prestes a completar noventa anos, né? E o meu avô paterno faleceu há quinze anos, em 2006.

(04:12) P1 – Ah, legal. E, Zanin, você sabe a origem deles? Eles vieram de algum lugar, aí, pra região de Rio Preto, né, que tem uma parte, que você disse, de Fernandópolis... como que eles chegaram na região? E o que que eles faziam, né?

R1 – Na verdade, assim, os meus avós paternos, né, os meus bisavós eram italianos, né? Então, vieram naquela história dos imigrantes que vieram pro interior de São Paulo, trabalhar em lavoura do café e acabaram vindo parar aqui na região né? Os meus avós paterno... maternos, né, por parte da minha mãe, a gente também... três dos bisavós eram italianos e um deles eu sei que acabou vindo da Bahia, né, num processo de migração interna, aqui, né? E acabou conhecendo a minha vó, se juntou com ela e veio pra cá, veio pra São Paulo, veio morar no interior de São Paulo, né? Nossa família, parte é de Fernandópolis, parte é de Poloni, né, que é outra cidade bem pertinho aqui de Rio Preto, né. Mas a gente tem primos em várias cidades vizinhas, aqui: Mirassol, Guaraci... aquela coisa que é muito comum aqui no interior, né, que você tinha todos esses vilarejos, essas cidades, né, ou distritos... se você pegar, Rio Preto era distrito de Jaboticabal, né? Então, é uma história que meio que se confunde, né? Essas fazendas, essa história primeiro do café, depois da laranja, mais recentemente da cana. E hoje em dia é uma região... Rio Preto é uma cidade muito de serviços, né? Então, mas é, essencialmente, aquela típica história de imigrantes que chegaram no interior de São Paulo e foram constituindo a sua vida aqui, né? Um trabalhava na fazenda de café, outro trabalhava no laticínio, outro fazia doce, outro fazia... o outro era costureiro, o outro era... então, era aquela típica história que a gente pega, lá, há oitenta, cem anos, atrás, né, naquela primeira metade do século vinte.

(06:20) P1 – Sim. Muito bom, Zanin. E você teve alguma influência dessa imigração italiana, assim? Tinha comida italiana quando você era criança, alguma dança, alguma música italiana? Ou era mais “interiorzão”, mesmo?

R1 – Olha, a minha avó, né, eu lembro dela, né - a minha avó que ainda está viva, né - eu lembro dela brincando com alguns termos italianos, assim né? Falando algumas coisas em italiano. Mas ela conversava mais assim, com os irmãos dela. Sempre em português, mas sempre buscando algumas... né, aquela sonoridade italiana, ou termos, né? Ou pra se xingar, né, de brincadeira, aquela coisa que é bem italiana, né? Eu lembro muito das minhas avós, das minhas tias fazendo... da minha mãe fazendo macarrão caseiro, né. Então, tinha que preparar a massa, abrir no rolo, tinha que cortar aquilo, preparar o próprio molho. Então, essas imagens, assim, são muito marcantes, assim, da minha infância. E eu venho de uma

família onde as pessoas gostam muito de cozinhar, né? Sempre trabalharam muito com comida, assim, né? Então, da parte do meu pai, dois irmãos do meu pai trabalhavam em açougue, tiveram os seus pequenos açougues, nas suas cidades. Meu avô trabalhou uma época em laticínio, minha avó produzia doces pra vender na cidade... então, é... a gente tem essa coisa ligada a gastronomia, que, desde pequeno, é você aprender a sentir diferentes aromas, diferentes sabores dentro da sua casa, sempre tem alguém fazendo alguma coisa diferente nesse sentido, né? E eu não sei se isso é exatamente muito particular dos italianos, mas era sempre aquela festa de família para produzir algo pra comer e volta e meia tinha alguma coisa muito ligada, assim, a essa questão gastronômica italiana. Principalmente massas e molhos, assim, né?

(08:14) P1 – Ai, que bom. Ô, Zanin, e seu pai e sua mãe? Você sabe como que eles se conheceram? O que eles faziam?

R1 – Eles se conheceram... nessa época, a família do meu pai, metade morava em Fernandópolis, metade morava em Poloni. Meu pai conheceu a minha mãe em Poloni. Começou a namorar... eles são... têm seis anos de diferença, né? Cinco anos... seis anos de diferença. Cinco anos de diferença. Né? E começaram a namorar, meu pai tinha vinte anos, minha mãe tinha quinze anos de idade, né? É porque eles namoraram por seis anos, por isso que eu fiz essa confusão. Ai depois eles casaram, né? E eles casaram e mudaram pra Rio Preto. Meu pai trabalhou, meu pai começou trabalhando com doze, treze anos. Aquela coisa de família bastante simples, que tem que ajudar na renda de casa, tem que... e meu pai começou a trabalhar num escritório, né, de auxiliar de escritório na cidade dele, lá em Poloni. E aí, acho que ele tinha quinze pra dezesseis anos, ele prestou pra trabalhar num Banco que, na época, se chamava Intercontinental. E esse Banco foi comprado pelo Banespa. E meu pai tinha 18 anos e começou a trabalhar no Banespa e se aposentou pelo Banespa, né? Ele foi bancário a vida toda. E a minha mãe casou-se com meu pai, eles mudaram pra Rio Preto. Um ano e meio, dois anos depois eu nasci, aqui em Rio Preto. Sempre vivi em Rio Preto, né? E quando... eu lembro que eu tinha uns oito, nove anos de idade, a minha mãe convenceu meu pai a comprar uma máquina de costura pra ela. Porque o meu avô paterno... o pai da minha mãe, ele era... trabalhou uma época em laticínio, mas ele trabalhou uma época, também, como alfaiate. Então, minha mãe aprendeu a costurar com o meu avô. E aí a minha mãe começou com uma máquina. E aí ela comprou a segunda e chamou uma vizinha pra ajudar e de repente ela tinha uma micro confecção ali, de sete, oito costureiras, né? E acabava produzindo roupas pra Rio Preto, pra... tinha pessoas de cidades ao lado, as sacoleiras, né, que vinham buscar roupa pra vender nas cidades vizinhas, né? Então, eu sou filho de um bancário e de uma comerciante, né? Vamos colocar assim. E minha mãe tentou até... minha mãe está com sessenta e sete anos, hoje? Mas ela tentou, até uns cinco, seis anos atrás, manter a lojinha dela, a fabriquinha dela funcionando numa escala menor, só ela e mais duas ali. Aquela coisa de que trabalhou a vida inteira, ocupa a cabeça, ocupa o tempo. Pra quem gosta de trabalhar, como a gente gosta de trabalhar, é terapia, né? Você para de trabalhar... tudo bem você tirar uma semana de férias, né, mas chega uma hora que você fica maluco, que você não está trabalhando, né?

(risos)

(11:05) P1 – Verdade. Ô, Zanin, e quando você na...

R1 – Hã?

(11:10) P1 – Desculpa porque deu uma cortadinha, mas não tem importância. Quando você nasceu, você nasceu em qual bairro de Rio Preto e o que que você lembra do bairro? Porque deve ser muito diferente de hoje, né? Rio Preto cresceu muito, né? Como é que era o lugar, a casa que você viveu quando criança, ou as casas?

R1 – Olha, quando meus pais mudaram pra cá, eles mudaram para um bairro chamado Vila Ideal, que é um bairro relativamente antigo aqui em Rio Preto. Mas eles ficaram ali em torno de um ano e meio, dois anos. Assim que eu nasci, eles mudaram ao lado, na transição do Ideal, ali, não sei se ali já é Maceno, não sei exatamente que bairro que é ali, né? Mas na Avenida México, que é uma avenida bastante antiga, bem antiga, aqui de Rio Preto, também, né? Falo avenida, porque naquela época... hoje, se você passar, é uma rua relativamente comum. Mas em Rio Preto, quarenta anos atrás, era uma avenida. E eu morei ali até os cinco anos. Depois a gente mudou relativamente próximo, um quilômetro e pouquinho dali, onde meu pai construiu uma casa. Ele conseguiu construir a casa dele. Comprou um terreno e construiu a casa dele, porque nessas duas primeiras casas a gente morava de aluguel. E eu era ainda muito pequeno, né, quatro ou cinco anos, eu tenho vagas lembranças desses locais. Mas eu passei a infância especialmente num bairro chamado Jardim Alto Alegre, que é um bairro relativamente pequeno, que fica do lado de dois bairros maiores, entre o Bordon e o Nazareth. E eu morava ali no meio. É curioso, que toda vez, quando eu era criança, quando eu era adolescente, alguém perguntava: “Onde é que você mora?” e eu falava: “Eu moro ali no Alto Alegre” “E onde que fica isso?” Falei: “É do lado do Bordon ou do Nazareth” “Ô, por que você não falou que mora no Nazareth ou no Bordon?” É aquela coisa de pré-adolescente, aquela coisa que fica. E aí, eu lembro que uma parte da minha vida eu falava: “Não, vou ter que falar o nome do bairro vizinho, porque senão ninguém sabe onde é que eu moro, né?” Porque eram poucas ruas que pertenciam a essa região. E ali eu morei por quase vinte anos. Eu passei ali o resto da minha infância, a minha pré-adolescência, adolescência. Eu fiz faculdade aqui em Rio Preto, fiz faculdade... a primeira faculdade que eu fiz foi de Biologia, na Unesp Rio Preto. A Unesp era a setecentos metros da casa dos meus pais, então eu ia a pé. Então, morei ali durante a faculdade. E logo depois que eu me formei, dois, três anos depois, aí eu já... minha mãe é aquela mãe superprotetora que, na hora que eu falei pra ela: “Ô mãe, vou sair de casa...” “Como que você vai sair de casa? Você tem casa aqui em Rio Preto. Pra quê que você precisa...” Eu falei: “Mãe, mas eu já tô com vinte e pouquinhos, já, né? Acho que já tá bom, né?” Que, na verdade, a vontade de sair era desde a época de faculdade. Imagina, né, você está naquela coisa de faculdade... mas eu tenho duas irmãs mais novas. Uma que é três anos e meio mais nova e a outra, são seis anos mais nova. Então, toda vez que eu ameaçava sair... elas foram fazer faculdade fora, né? Eu brinco que elas foram mais espertas que eu, nesse sentido, assim. Então, uma foi fazer faculdade de Educação Física na Unesp de Rio Claro e a outra foi fazer Arquitetura na universidade de Londrina. Então, na hora que eu estava ameaçando... na hora que a primeira resolveu voltar pra Rio Preto, falei: “Opa. Agora é minha hora. Vou sair, você cuida do papai e da mamãe aí. (risos) Você preenche esse ninho pra não ficar tão vazio, assim”. (risos) É aquela coisa de cuidado, mesmo, de família, né? Você ficar esperando a hora certa, pro impacto não ser muito maior.

(14:41) P1 – Claro.

R1 – E aí, depois eu passei... é curioso, porque depois fui viver oito anos no bairro em que eu nasci, na Vila Ideal, né? E aí eu saí dali pra... aí eu acabei casando, acabei vivendo mais um tempinho ali. A gente conseguiu construir a casa, financiar uma casa, que a gente construiu. Foi muito legal. Muito difícil, né? A primeira casa, primeira construção, a gente apanha demais, não tem nenhuma experiência com aquilo, volta e meia a gente é enganado, volta e meia a gente se engana também, porque achou que ia acontecer de um jeito, acontece do outro, faz um prazo, é outro. E aí, ainda recém-casado, construindo e com um filho pequeno... foi uma loucura, assim. Foi uma aventura muito grande assim, pra gente. Então... mas eu gosto muito de Rio Preto, né? Você perguntou onde que eu nasci, o bairro que eu nasci, mas é uma cidade que eu tenho um carinho muito grande. Quando eu fiz colegial, assim, eu lembro que vários amigos meus queriam prestar pra sair de casa, né, pra sair da cidade, pra ir pra outro lugar, lá em Rio Preto ainda falta tanta coisa, né? E eu falei: “Então! Dá pra gente fazer tanta coisa aqui! Dá pra gente inventar tanta...”. (risos) Eu tentava enxergar isso mais como uma oportunidade, na verdade. (risos)

(15:56) P1 – Sim. Legal. E, Zanin, mas voltando lá pra sua infância, o que você lembra, assim? Como é que eram as brincadeiras de rua, com quem que você andava, com o pessoal do bairro mesmo, né? Era uma vida mais livre que hoje. O pessoal andava de bicicleta, jogava bola... o que você fazia, que você gostava?

R1 – Olha, a gente brincava de tudo, pra falar a verdade. Até porque, nesses bairros, que eram bairros periféricos de Rio Preto, ainda tinha algumas chácaras que tinham muita árvore frutífera. Que tinha locais que a gente conseguia desenvolver uma série de atividades. Então, eu lembro que, por exemplo, estava construindo - eu era criança - estava construindo o estádio novo. A gente chama aqui em Rio Preto de “Estádio Novo do América Futebol Clube”, né, que já tem mais de trinta e quatro... trinta anos que inaugurou, ficou dez, quinze anos construindo. A gente ia visitar a construção do estádio, a gente andava pelas galerias subterrâneas que tem ali, que era pra escoar água. Não tinha nem noção de perigo. Eu era muito criança. Mas eu gostava muito de jogar futebol na rua. Era minha atividade preferida, vamos colocar assim.

(17:11) P1 – Legal. E você torce pro América ou pro Rio Preto?

R1 – Olha, eu sou americano. Eu gosto muito do América, vou muito nos jogos do América. A torcida do... o Rio Preto é um time mais antigo. Tem torcedores mais, até mais antigos. O pessoal mais velho torce pro Rio Preto, tal. Mas desde que eu era criança, era o América que disputava a primeira divisão, né? Era o América que fazia jogos com grandes times de São Paulo. Então, quando eu via o América ganhar de um time de São Paulo, era uma coisa que era muito vibrante, assim. Era uma coisa de conquista, assim, muito grande, né? Então, aí depois, como acabei morando perto do estádio do América, né? Esse bairro Vila Ideal, Jardim Americano, ali, são grudados no estádio do América. Então, a gente ia a pé pros jogos do América, né? Ia jogar América contra qualquer coisa, a gente ia. Tinha duzentos torcedores no estádio e a gente estava lá. É uma época muito gostosa, assim. Muito bacana. E fomos acompanhando a decadência do América, que foi pra quarta divisão e parece que não volta nunca mais. É uma coisa bem triste, assim, vamos colocar. Mas eu sempre fui americano. Sempre fui... eu lembro que, às vezes, eu fazia viagens, as primeiras viagens que fiz para mais longe, para capitais ou pra outros países, sempre levava a minha camiseta do América, porque eu queria tirar foto com a camiseta do América lá nesses lugares: “Aqui teve um americano, passou por aqui”. (risos)

(18:47) P1 – Certo, certo. Eu não tive a felicidade... a gente foi muito aí pra Rio Preto, antes de começar a pandemia, fazer pesquisa, né? Antes de começar o projeto, especificamente. Eu conheci só o outro estádio, do Rio Preto. Eu achei super bonito, porque é aquele estádio antigo, mesmo. Eu gosto...

R1 – Hum, sim. É, a gente sempre comenta que deu um passo maior do que a perna, né? Um estádio de quase quarenta mil pessoas numa cidade como Rio Preto não faz sentido, né? Então, assim, o América era, inclusive, muito mais forte na época do Mário Alves Mendonça, que é o estádio que foi demolido. Ele era até menor do que o estádio do Rio Preto, acho que até por isso a rivalidade, ficava: “Nós vamos construir um estádio maior, nós vamos construir um estádio mais forte, mais...”, né? E o estádio do Rio Preto acho que é um estádio bem charmosinho. Charmoso de cidade do interior, né? De que não precisa mais do que aquilo, né, pelo porte do time. Se, numa hora dessa, virar uma grande potência... eu até brinco, né, sou professor até hoje, dou aula de Geografia até hoje e eu falo pros alunos: “Olha, a cidade de Manchester, que tem o Manchester City e o Manchester United, é uma cidade de pouco mais de quinhentos mil habitantes. Mas é que ela tem um poder aquisitivo muito grande, né, parque industrial muito forte, alta tecnologia, então... dinheiro... o campeonato inglês é muito rico, né?” Ó, quem sabe uma hora dessas (risos) a gente decola com os nossos clubes aqui, né?” (risos)

(20:23) P1 – Ô, Zanin, e na escola, como é que era? Você foi estudar onde? Do que que você gostou na escola, né? Qual área? Você é da Geografia, né? Mas... Da cultura... você é da parte da cultura, né?

R1 – Olha, eu, na verdade, fiz o meu ensino fundamental, fiz oito anos no Colégio São José, que é um colégio de padre aqui de Rio Preto, bem tradicional, se eu não me engano ele já é um colégio secular. E eu saí dali porque, na época era... hoje, menos. Mas na época, final dos anos oitenta, falava assim: “Ó, mas pra passar no vestibular, o São José não dava tanto esse foco”, né, ele era mais preocupado com a formação ética, moral, a qualificação dos alunos, mas olha, tem... aí tinha umas duas, três escolas na época, eram meio que as escolas que chamavam mais a atenção do colegial. Do ensino médio, hoje em dia, eu falo colegial até hoje. E pensando em vestibular. E eu fui para uma dessas escolas, eu fui estudar no colégio universitário, que era um colégio na região central de Rio Preto, na Coronel, não existe mais naquele local, mudou de local, mudou a proposta, né? Mas, na época, foi um colégio que era... você só tinha ali ensino médio e eu lembro que tinha, tipo, quatro ou cinco salas de primeiro colegial, segundo colegial, terceiro colegial, meia dúzia de salas de cursinho. O que, para uma cidade do interior, que na época, Rio Preto tinha duzentos e cinquenta mil habitantes, era muita coisa. Então, aquilo virava... não era só um colégio, né? Era uma balada. Com quinze anos de idade... então, com quinze anos de idade você sai de um colégio de padre, onde nada pode e chega numa escola que já é muito mais aberta, né? Então, foi pular de cabeça na adolescência, de verdade. Então, foi uma coisa que foi muito interessante. E eu tive, no meu primeiro e segundo ano... eu era apaixonado por Matemática. Eu era doente por Matemática. Era daqueles que saem na rua e fazem conta com as placas do carro, com os números de telefone, com número de... né? Então... Adorava Matemática. Adorava, adorava. Adorava muito Geografia, sempre tive ótimos professores de Geografia. Até costumava brincar que Geografia não precisava pegar no livro, porque os professores eram tão bons e eu tinha tanto interesse, que prestar atenção na aula era o suficiente pra fazer as provas que eu precisava. Mas no primeiro e segundo ano do colegial, eu tive alguns professores de Genética que me deixaram maluco. E aí, aquela história, na época, de desenvolver o Projeto Genoma, mapear o DNA humano, a revolução que aconteceria na medicina, que aconteceria na biologia, a possibilidade de recriar espécies que foram extintas... eram umas conversas, quando você pegava as revistas ou os jornais e falava: “Pronto”, né? E eu lembro muito que, quando eu assistia desenho, quando eu era criança, eu gostava muito dos personagens que eram cientistas, né? Então eu lembro, por exemplo, vou pegar um desenho bem antigo, mas que eu assistia quando eu era criança, que chamava “Gato Félix”. E tinha um cientista que, se não me engano, ele chamava Poindexter. E eu adorava quando ele aparecia, porque ele ia inventar alguma coisa, ele ia fazer alguma coisa, né? Então, mesmo quando se pegava os quadrinhos, eu gostava do Professor Pardal. Falava: “Meu, o que que esse cara vai inventar? O que ele vai montar? O que...”, né? E aí, na pré-adolescência tinha o MacGyver, que inventava qualquer coisa, né? E é aquela história, a gente falava: “Nossa, ser cientista ou ser pesquisador deve ser a coisa mais legal do mundo”. E aí, no colegial, de quinze pra dezesseis anos, eu tive professores que eram fantásticos, de Genética. E aí eu estava carregando, que eu iria prestar Engenharia Civil, ou alguma coisa ligada a Matemática, né? E falei: “Não, vou prestar Biologia”. Aparecia aqueles rankings da Folha, Estadão, “Profissões do Futuro”, Biologia. Falava: “Pronto, é isso aqui. Tem aqui na Unesp, do lado de casa ainda, não tem por que não fazer, né, não tem por que”. E aí eu entrei na faculdade, entrei com dezessete anos na faculdade. Entrei muito imaturo na faculdade. E a Genética foi uma frustração pra mim. Foi muito frustrante. Primeiro porque, né, é muito bacana quando você vê “Primeira Lei de Mendel, Segunda Lei de Mendel”. Matematicamente, é incrível. Mas a natureza não responde daquele jeito. Então, aquilo que a gente aprendia no colegial: um pra dois, um pra quatro, pra doze, pra... não acontecia na prática. Porque você tem fator solo, você tem fator clima, você tem fator... uma série de fatores que influenciavam na reprodução. Então, aquelas ervilhas lá, que o Mendel... a teoria é ótima. Mas

na prática, não funcionava como eu imaginava. E eu fiquei muito frustrado com aquilo. E, na verdade, com o passar do tempo, eu fui aprendendo que o que eu mais gostava de genética não era a biologia, era a análise combinatória da matemática. Então, na verdade, dentro da biologia, como se usava muita matemática pra explicar aquilo, eu achei uma forma de usar a matemática que eu amava na biologia, mas na faculdade eu fiquei frustrado. E do segundo pro terceiro ano... aqui em Rio Preto, o curso de Biologia, a gente tinha a disciplina de Geologia Geral, Geologia Histórica, Paleontologia e tinha um grupo de dois, três professores, do Departamento de Química e Geociências, que os departamentos eram fundidos, que eles eram muito, muito, muito bacanas, assim. E tinha muito trabalho de campo. Então, por exemplo, a gente saiu de Rio Preto e fomos até Piraju, numa viagem que durou dezesseis ou dezoito horas.

(25:47) P1 – Sim

R1 – Porque a gente pegava aquele microônibus da faculdade, o professor parava... andava quarenta pontos, para: “Ó, presta atenção nesse tipo de rocha, presta atenção nesse tipo de rocha. Tá vendo que aqui é sedimentado, está vendo que aqui é basáltico?”, né? Então, imagina. A gente ficou uns quatro dias pelo interior de São Paulo, fazendo isso. E eu fiquei mais apaixonado ainda pelo interior de São Paulo e pela parte... estava me sentindo... eu lembro que a gente fez uma parada em Prudente, que teve... a gente estava cansado, era o final da viagem, assim, né? A gente parou em Prudente, aí o professor falou: “Ó, vamos pegar e andar nessa linha de trem, nós vamos andar uns dois, três quilômetros”. Eu falei: “Nossa, porque nós vamos andar aqui no meio desse mato, voltando?” Todo mundo cansado, né? Ele falou: “Não, vamos andar”. E aí a gente chegou num lugar que tinha um cemitério de tartarugas de lá atrás, né, de alguns milhares de anos, ou alguns milhões de anos, não lembro na época, agora. E eu me senti o Indiana Jones, nesse dia, assim, sabe? Eu me senti uma coisa que eu falei: “Caraca. A Geologia é muito legal. A Geografia é muito legal”. E esses mesmos professores, no ano seguinte, levaram a gente... nós ficamos uma semana em Bonito e pantanal, analisando formações geológicas, analisando hidrografia, analisando os biomas ali, do cerrado, com o pantanal. Depois a gente ficou dez dias na Ilha Anchieta, que é um lugar em que turista não pode dormir e a gente ficou dez dias lá, como pesquisador. Então, eu fiquei doído por causa da Geografia, né? Então, é uma coisa que eu já estava, aí eu já estava no terceiro, pro final do ano, faltava um ano e meio, dois anos para eu concluir o curso. Eu falei, ... É... eu fiquei maluco com a Geografia, né? E aí eu... nessa época estava sendo montado um curso pré-vestibular pra alunos carentes dentro da faculdade, né, onde você trabalha de forma voluntária, gratuita, assumindo um compromisso lá, com os alunos. E eu comecei a dar aula, ali, achando que eu ia ajudar os alunos, né? Eu tentava ajudar, obviamente, mas eles me ajudavam muito mais, pois eles foram construindo a minha carreira de professor. Aquilo ali foi o melhor laboratório possível que existe. Por mais que você tenha, dentro do curso, você tenha disciplinas de licenciatura, né, de instrumento de ensino, de... mas na hora que você vai pra prática, é que você aprende, né? Na hora em que você está ali todos os dias com os alunos, é ali que se forja um professor, né? É ali que é criado, né, o professor que vai poder... que vai ser professor ou não, ou que vai desistir da história, entendeu? Então, no colegial, essas passagens de uma escola de padre até os catorze anos, dos quinze aos dezessete numa escola mais aberta, pensando em vestibular, no colegial e depois entrando numa Unesp e aí a gente sabe que as faculdades públicas, elas são multiculturais, né, em vários aspectos. Então, você tem gente de todas as classes sociais, de todas as raças, os credos, as opções sexuais, as... então, é uma coisa, que, olha, é como se você realmente fosse apresentado pro mundo de verdade, né? Falar: “Opa, somos muito mais diversos do que a gente imagina”. Isso é uma construção que eu acho fundamental assim, na minha vida. Talvez tenha sido a passagem mais importante, de ter que entender que as coisas são muito mais diversas do que aquele aluno de classe média baixa que estudava num colégio de padre durante oito anos, entendeu? Por mais que tenha sido importante, também, naquela fase, mas eu acho importante como a gente tem que mudar a perspectiva.

(29:14) P1 – Legal. Mas você mudou de curso? O senhor foi pra Geografia, então?

R1 – Na verdade, eu fui fazer Geografia faz uns quatro, cinco anos. (risos) Faz vinte e seis anos que eu dou aula de Geografia e, como eu dou aula especialmente para vestibular, eu nunca precisei de um diploma de Geografia, né? Então, eles contratavam se gostassem de mim ou não. E aí, geralmente gostavam bastante, os resultados eram muito bons, né? Eu fiz... na verdade, quando eu me formei em 1997, depois em 2000 eu fui fazer uma pós em Administração e com ênfase em Marketing, porque nessa época eu já era diretor de uma escola que eu era sócio. E eu que era responsável pela parte de publicidade, de propaganda, essas coisas. E eu resolvi fazer uma pós, fiz a Faap, que tinha montado um curso em Rio Preto, que era... os professores vinham toda sexta-feira e sábado, dar aula aqui, né? A cada 15 dias. Então, a gente tinha um encontro, que depois se transformou num MBA, mas na época não era chamado dessa forma, né? E aí, isso me trouxe mais bagagem ainda pra área de economia, de administração. Então, eu já tinha toda a parte de aspecto físico: de hidrografia, de geologia, de biomas. Eu já tinha tudo isso dentro do curso de Biologia. E depois toda essa parte humana, econômica, eu acabei desenvolvendo dentro da própria... mas vestibular é diferente, né? Então, é aquela coisa: você dá um treinamento pro cara... é igual... é diferente você fazer um esporte, do que você ter um personal específico pra cuidar de você, falar: “Você vai melhorar isso, você vai melhorar aquilo”. Uma coisa é você gostar de jogar tênis. Outra coisa é você pegar um professor e falar: “Ó, você muda o seu braço desse jeito, a sua mão daquele jeito”. Então, o professor de cursinho é pra lapidar o cara e falar: “Ó, cai tantas questões disso na Vunesp, na Fuvest, na Unicamp. Pergunta desse jeito, o grau de dificuldade é assim. Vai por aqui, vai por ali. Não responde desse jeito, responde assim”. Então, isso foi algo que foi construindo. E nos últimos cinco, seis anos, eu fui... a minha esposa é bióloga também, né? Ela não é contemporânea, ela entrou depois, mas ela fez um mestrado em Bioquímica e um doutorado em Biofísica Molecular. E depois de tudo isso, ela falou: “Ah, vou tirar a graduação em Química”. E ela fez o EAD em Química, um ano e meio, se eu não me engano. Adorou. E eu vi ela estudando aquilo e falei: “Eu vou fazer esse EAD de Geografia, então e tirar esse diploma de Geografia”. Que eu também nunca usei. (risos) Nenhuma escola me pediu até hoje. Mas eu acabei me formando em Geografia mais tarde, um pouco. Foi mais um prazer. Falei: “Ah, já dou aula disso há tanto tempo”. E aí eu resolvi fazer. Mas aí a Geografia está presente até hoje na minha vida, né? Sou maluco pela Geografia.

(32:04) P1 – Legal. A música e o rock n’ roll... porque nós vamos chegar no Vila Dionísio, né?

R1 – Opa.

(32:11) P1 – Ela entrou nessa época ou depois dessa época, na sua vida?

R1 – Olha, vou contar algumas coisas. Quando eu era... vamos lá. Tinha... você está na segunda parte, ali, do ensino fundamental, né, o Fundamental II, que é da quinta à oitava série, hoje é da sexta ao nono ano, né? Você tem de onze para treze, catorze anos. Eu lembro que começou aquela coisa de encontro de alunos: aniversário de um, brincadeira dançante na casa de alguém, né, salgadinhos para lá e pra cá. E aí começa aquela coisa. Amigo secreto da turma... e aí a gente... eu lembro que as minhas primeiras fitas cassetes, os meus primeiros LPs eu ganhei assim, no amigo secreto. Então, ganhei um LP do Lobão, “Vida Bandida”, né? Ganhei um LP do Michael Jackson, “Thriller”, né? Falava: “Nossa!”, né? Então... e a minha mãe sempre, sempre deixava o rádio ligado em casa. Então, assim, desde músicas mais pop, pop rock, ou passando pelas coisas que ela adorava, de Roberto Carlos, Nelson Gonçalves, Jovem Guarda, aquela coisa, né, de Caetano Veloso, aquela coisa

que ela... então, a gente ficava brigando na rádio, depois que eu comecei a ter algum direito de escolher minha horinha: “Ó, põe nessa aqui que toca mais isso, né? Isso tocou na casa de alguém, na escola”. Então... mas aí eu comecei a ouvir... no colegial, aí a coisa ganha uma dimensão muito maior. E aí eu fui descobrir Bon Jovi e Guns N’ Roses, né, que era o final dos anos oitenta, né, então era uma coisa que... eu já não queria ouvir Beatles, até porque o Beatles que eu conhecia na casa dos meus pais era muito a primeira fase dos Beatles. E eu achava muito bobo, né, não gostava. Eu acho aqueles quatro, cinco primeiros anos, assim... depois, eu fui aprender a ouvir na faculdade, do “Revolver” pra frente, né, do “Rubber Soul” pra frente, aí passei a dar outro valor, assim, na banda, né? Estou falando pessoalmente, porque a gente sabe que, historicamente, comercialmente, o valor é incalculável. Mas pra mim, assim, tornou-se algo mais interessante depois. Mas eu sempre gostei mais dos Stones, né, eu sempre gostava mais daquela coisa mais rasgada, assim, mais despojada. Os Beatles eram muito certinhos, assim. Então, eu gostava daquela coisa despojada dos Stones, que depois, né, fui pro AC/DC, fui pro Led Zeppelin, eu tinha uns amigos que começaram a ouvir Led Zeppelin... E aí eu queria ter tudo do Led Zeppelin. Eu queria aquela coisa: queria escrever as letras do Led Zeppelin no meu corpo, né? Aquela... eu lembro... teve uma época que eu não conseguia ouvir outra coisa, né? Eu tinha que escolher qual. A minha briga era qual dos discos do Led Zeppelin eu tinha que escolher. E o único lugar que eu ouvia rock em Rio Preto ao vivo era nas festas da Unesp, né? Em mais nenhum lugar. Todos os outros bares, restaurantes, ou mesmo as festas das outras faculdades eram sertanejo, eram... ou, na época tinha axé, já tinham coisas que você falava assim “Olha” e eu... então não tinha essa possibilidade. Não tinha essa... então o rock, ele entrou na minha vida de verdade lá vai... no colegial e aí, na faculdade, virou uma doença. Virou uma coisa de que eu precisava ter essa oportunidade, né? E aí, eu sempre... na faculdade, aconteceram várias coisas que foram muito bacanas, assim. Porque como... apesar dos meus pais terem me proporcionado sempre estudar em escola particular, né, o orçamento era muito, muito limitado, até por ter três filhos, né e tentar manter essa qualidade de acesso a estudo pra todo o mundo. Então, se eu quisesse ganhar alguma grana, eu tinha que me virar de alguma forma. E eu lembro que, na faculdade, na hora que eu vi - eu estava no primeiro ano, tinha dois, três meses - uma menina no corredor, no intervalo, vendendo sanduíche natural. E eu falei: “Uai, pode? Eu falei Não, vou vender sanduíche natural também”. E no mês seguinte eu vi alguém vendendo camiseta de curso. Camiseta do curso da Computação, da Engenharia, da Letras e eu falei: “Uai, minha mãe é costureira, né? Eu vou dar um jeito de fazer umas camisetas e começar a vender aqui”. Então, minha primeira fonte de renda, assim, foi começar a vender coisa no intervalo da faculdade, para eu ter o meu dinheiro, para eu poder ficar mais à vontade. Tinha as festas, não ter que ficar pedindo pro meu pai, não ter que... e começar meio que desenrolar. E aí, depois, eu comecei a aprender com os veteranos, que era possível também ganhar algum dinheiro nas festas. E aí, enquanto eles faziam festas nas repúblicas, pra ajudar a pagar as contas das repúblicas, eu falei: “Eu não tenho república, eu moro com os meus pais, mas quem falou que eu não posso fazer festa, né?” (risos) E eu juntava com alguém que tinha uma república e que não tinha muita cara de pau de fazer a festa e falei: “Não, eu vou fazer a festa na sua república e a gente racha tudo isso aí”. E aí a gente começou a fazer, né? Falou: “Então vai, compra essa cerveja, compra aquilo, chama não sei quem pra tocar”. Tomamos vários “prejus”, até aprender. Nossa, eu lembro que (risos) tem coisa que é muito aprendizado. E se você desistir na primeira, no primeiro “ré”, né, na primeira situação negativa, você desiste mesmo, como alguns amigos meus que falaram: “Ah, eu não quero. Faz você sozinho. Faz você, do seu jeito” “Vamos lá, a gente só errou aqui, se a gente corrigir isso, dá certo!” “Ah, não vou, não, ix?” “Ah, então tá bom”. Mas eu fui. Fui colocando a cara, aí, pra bater, até acertar uma fórmula que eu achava que podia ser mais legal.

(37:51) P1 – Certo. E tinha banda de rock em Rio Preto, nessa época?

R1 – Tinha.

(37:56) P1 – Tinha?

R1 – Tinha banda de rock nessa época. Tinha algumas bandas bem legais, que depois, inclusive, tocaram no começo do Vila. Tem músicos que até hoje tocam no Vila, em outras bandas, em outras formações. Já estão com seus cinquenta anos aí, mas também têm aquela coisa da música no sangue, né, que precisa estar ali, precisa, né, ouvir o público. Então, era muito legal que a gente fazia... Nessa época ainda podia fazer festa dentro da universidade, né? Então, a gente fia festa... pra quem conhece a Unesp Rio Preto, naquela área central, onde você tem a pracinha da Unesp de Rio Preto, ali e lá no fundo, onde tem a garagem dos ônibus, dos carros da faculdade, a gente solicitava o espaço da garagem pra fazer uma confraternização, encerramento de jogos, por exemplo, né, encerramento de uma semana cultural... teve a Semana da Biologia. No encerramento vai ter uma confraternização. E a gente não tinha nenhum salão, naquele tempo não tínhamos quadra coberta, a garagem era coberta. Pedia pra direção, a direção liberava, aí dava um final de tarde... era muito curioso, porque os alunos viam que toda vez que estavam tirando aquele monte de veículo de dentro da garagem: “Opa, vai ter festa hoje? Estão tirando os veículos de dentro da garagem”. E aí tinha um tablado, ali, que virou um palco improvisado, colocava-se banda pra tocar. E era a nossa diversão, né? Porque isso acontecia... tinha que esperar terminar a aula do noturno, que era por volta das dez e vinte. Então, começava a festa por volta das nove horas, mas não podia ter som. Dez e vinte, liga o som, que acabou a aula do noturno. E a banda tocava até por volta de uma hora da manhã, que era quando os guardas tocavam a gente e falavam: “Vão pra casa, que amanhã vocês têm aula! Vão pra casa, que amanhã vocês têm aula!”, né? Então, foi... e eu ficava, né... eu ficava, deslumbrado. Porque aquilo que eu ouvia nos discos, de repente eu ouvia os caras tocando. E falava: “Nossa, não é possível, o cara fez sozinho isso. A banda tem seis que tocam e os caras, em três, tocaram isso”. Eu ficava maluco, né? Eu sou super frustrado de não ser músico, né? Eu não tenho habilidade musical, assim. Eu vejo alguns artistas tocando no bar e falo: “Mentira que esse cara faz isso. Não é possível, né?”. Então, é aquela coisa do talento e da perseverança, né? Do cara ter, além do talento, ter se dedicado pra tudo aquilo.

(40:13) P1 – Certo.

R1 – Mas sempre me encantou muito essa história do rock, essa história da música ao vivo.

(40:20) P1 – Certo.

R1 – E eu também sou de uma época que o rock do Brasil era muito bacana, né? Se você pegar o final dos anos... meados dos anos oitenta, a gente está falando de época de Diretas Já, né? Então, você já começa a ter algumas músicas de protesto ali, né? E aí vai surgir o cenário de Brasília, né? De Legião Urbana, Capital Inicial, de Paralamas, de Plebe Rude. Vai surgir aquele cenário... eu gostava muito do Ira, na época, né? O Engenheiros do Hawaii. Hoje eu ouço uns discos do Engenheiros do Hawaii que eu adorava na época e falo: “Nossa senhora, Jesus”, né? Eu fui perdendo o gosto, né? Tem coisa que eu falei: “Nossa!”, não gostava daquilo, mas depois eu gostei de outras coisas que o Humberto fez, achei muito bonitas outras coisas que o Humberto fez. Mas tem músicas que eu cantava, lá da época do “Papa é Pop”, que eu falo: “Nossa!”, né? (risos) É aquela... a nossa construção como pessoa, né, sobre a visão de várias coisas que vão sendo desenvolvidas, ou amadurecidas, ou outras fases. Não sei exatamente como colocar.

(41:20) P1 – Verdade. Tinha muita música de protesto. Eu lembro que, nos discos, vinha embaixo escrito que era proibido tocar no rádio, alguns discos, né? Do Ultraje, do Camisa de Vênus, era quase todos, né? (risos)

R1 – É, isso. É. Exatamente. Ou então tinham que fazer versões específicas pro rádio, tirando algumas coisas, mudando algumas frases, né? Eu lembro disso, porque tinha disco que eu comprava e falava: “Mas na rádio não tocou”, porque eu ia cantar e falava: “Mudou essa frase aqui”, né? Ou fazer uma versão mais “light”, pra poder tocar na rádio, né? Mas era uma época de safra muito boa. Eu gostava muito de Barão Vermelho, né? Gosto de Barão Vermelho, todas as fases, né? A primeira fase com o Cazuzu, da outra fase com o Frejat, né? Eu acho que é uma banda que... acho que foi uma das bandas que eu mais fui ver. Porque aqui, pra gente ver banda no interior, você não tinha casa de shows, você não tinha grandes festivais. Pelo menos em Rio Preto, né? A gente não teve a sorte de ter, como teve em Bauru, o Festival de Iacanga, Águas Claras, que trouxe todas aquelas experiências, lá no início dos anos oitenta, né? Mas eu não lembro de nada muito grande, assim. Eu lembro que a gente torcia para ter a feira de exposições agropecuária, porque eles tinham vários dias de sertanejo, mas eles deixavam um ou dois dias pro rock. Então, tinha época que... né? Eu devo ter visto uns cinco, seis shows do Barão Vermelho na exposição, né? Então, estava aquela coisa de que estava todo o mundo lá de “peão”, de roupa de peão, de interior, mas estava lá a galera curtindo o rock do Barão, ou Paralamas, ou qualquer banda que tocava nessa época. E era o que a gente tinha e graças a Deus que a gente tinha, pra falar a verdade, né? Porque era o que tinha disponível naquele momento.

(43:05) P2 – Ô, Alexandre, e quais os bares que vocês frequentavam, assim, nessa época, assim? Barzinho, mesmo. Além das repúblicas.

R1 – Olha, é... a Avenida Andaló, nessa época, né, no final dos anos oitenta, início dos anos noventa, ela era muito famosa, porque ela tinha umas quatro... aproximadamente umas quatro quadras, onde você tem a prefeitura municipal, né? E, a partir da prefeitura pra frente, a gente tinha umas quatro quadras, onde a polícia militar chegava a fechar à noite, porque você tinha tantos bares e o trânsito de pessoas era tão intenso, que pra você não ter risco de atropelamento ou nada disso, a prefeitura fechava ali, né?

(43:49) P1 – Sim.

R1 – E era o principal “point” da cidade, né? Ia todo o mundo pra lá. Então, você tinha vários bares, ali, né? Alguns deles ficaram muito emblemáticos, né, que foi o caso do Tropicália, que depois deu origem ao Babilônia. Um bar que teve mais de trinta anos de “empreita”, fechou recente... o Babilônia já fechou há uns dez anos. O Zero Grau acabou de fechar, né? Era dessa época, também, né? Tinha um outro bar... eu lembro que gostava mais de um bar que se chamava “Paloma”, porque tocavam mais bandas de rock nele, né? Vamos colocar assim. Ou, pelo menos, ia nele quando tinha mais bandas de rock, né? E que ficava ali perto, também. Aí a gente atravessava a rua, porque do outro lado tinha um barzinho bem simples, assim, mas tinha... aqui em Rio Preto é uma colônia sírio... tem forte colônia sírio-libanesa, né? E eu lembro que tinha um libanês que vendia arak, né, que era uma bebida com anis, né?

(44:42) P1 – Olha!

R1 – E eu tinha acabado de entrar na faculdade e meus amigos falaram: “Não, vamo... ó a gente fica aqui, né, o orçamento é apertado, mas de vez em quando a gente vai lá no libanês tomar um arak”. (risos) E aí eu falei: “Então, tá, né?” Eu achava terrível. Não gostava, na época. Na verdade, deve fazer uns vinte e cinco anos que eu experimentei isso, não sei nem como é o gosto hoje, talvez eu tenha outro paladar. Mas na época eu achava terrível, mas eu ia pela onda, né? Meus amigos vão lá, é só pra dar um upgrade, aqui. Então, vamos lá. Mas a gente vivia... quando saía na cidade, ia muito pra essa região. Por exemplo: algum time de futebol era campeão paulista, brasileiro, ia todo mundo para essa região, né? Ia ter Copa do Mundo, todo mundo ia para essa região e aí tentava assistir nas TVs, que você tinha nesses locais. Então, a Andaló, especialmente naquele final dos anos oitenta e acho que até a primeira metade dos anos noventa, ali, ela foi um grande centro de atração de público, né? De jovens, de baladas, ou de bares. De atividade noturna, vamos colocar assim, tá bom? Mas quando a gente estava, sobretudo a época da faculdade, a gente vive mais a faculdade, né? Você vai de vez em quando nesses lugares da cidade, para manter um vínculo com os seus amigos da cidade, né? Porque os caras começam a te cobrar, né, falam: “Pô, você não vai sair mais com a gente? Entrou na faculdade, não liga mais pra gente? Estudamos dez anos juntos, né, e aí... poxa, né?”. “Não, vamos sim. Ah, aniversário do Daniel, aniversário do Márcio, aniversário do... vamos lá. Vamos lá, a gente se reúne”. Então, acabou sendo... e a faculdade também é transitória, né? Você passa cinco, seis, sete anos, depois você começa a se afastar. Dois, três anos depois da faculdade, você já começa a se desligar mais, que perde o sentido, né? Você volta mais pra participar de cursos, né, dar palestras, contar experiências, né, trocar algumas informações ali, que eram bacanas, que eram legais. Então, é mais nesse sentido. E aí a sua vida volta de novo para a cidade e aí você fica meio órfão, né, porque você não tem mais aquela realidade que você tinha na faculdade e, ao mesmo tempo, você não encontra na cidade aqueles elementos. E daí que veio essa história de que precisamos desenvolver alguma coisa que pudesse remeter àquelas festas, ou àquele ambiente musical e tudo o mais.

(47:08) P1 – Legal. Ô, Zanin, e antes de você abrir o Vila Dionísio, você então, primeiro, teve e tem, né, um cursinho, uma escola, né?

R1 – Sim.

(47:20) P1 – Como é que foi essa ideia de abrir...

R1 – Na verdade, assim, né, como eu falei: estava em 1995, eu estava começando o terceiro ano da faculdade. Um grupo de alunos de vários cursos começou a falar: “Olha, vamos montar um cursinho para aluno carente, né? Só pode participar aluno que é da escola do Estado. Vai ser à noite, aulas gratuitas e a gente tenta montar isso, né? A gente ajuda eles, né e vai também criando experiência, né?”. Falei: “Beleza, legal”. Só que começou a juntar muita gente, de repente tinha umas vinte pessoas para cada matéria.

P1 – Sim.

R1 – E aí o diretório acadêmico pediu a ajuda de alguns professores do Departamento de Educação, né, de cada área, de Exatas, de Humanas, de Biológicas, para participar de uma avaliação de aula teste, né? E essa época eu estava frustrado com a Genética e encantado com a Geologia. Eu falei: “Não vou fazer Biologia, não. Eu vou prestar Geografia”. Apareceram umas quinze pessoas lá pra prestar Geografia. Eu quase não fui, porque eu falei: “Ah, o que eu vou fazer? Esses veteranos sabem mais do que eu”, né? Geografia ainda, né? Mas eu sou teimoso, eu quero ver, eu falei: “Bom, mesmo que eu não for aprovado, eu quero saber qual vai ser minha nota. Eu quero saber que grau que eu tô”. E, na época, selecionaram dois professores e eu fui um dos selecionados. E aí a gente começou a desenvolver. Primeiro com duas turmas, aí no segundo semestre já tinham três, no ano seguinte tinham quatro turmas, eu sei que no último ano a gente tinha seis turmas, já. E foi uma época que Unesp tinha que aumentar a sua participação de cursos de extensão, para a comunidade fora da faculdade. Então, a Unesp desenvolveu uma série de projetos, por exemplo: aulas para a terceira idade. Aulas de inglês, espanhol, italiano, alemão, para quem não era de lá. Então, montava-se pequenas turmas e o pessoal, então... aí o diretor chegou pra gente, de uma forma bastante honesta, bastante sincera e com muito cuidado, né, porque ele já sabia que isso iria acontecer em 1998 e ele chegou pra gente em agosto de 1997 e falou: “Olha, não tenho sala pra vocês o ano que vem”. E a gente tinha seis salas nessa época, né? E eu estava no meu último ano também e ele falou: “Não tem sala pra vocês o ano que vem. Na noite e de manhã certeza que não tem. Talvez eu consiga uma sala pra vocês à tarde”. E a gente sabia que a procura da tarde era muito pequena. Aí falou: “O negócio vai morrer, né?” Então... Aí falei: “Professor, o que a gente faz? Então vamos chamar os alunos pra ir pra fora”, só que nós

íamos ter que montar uma estrutura que era particular, né?” E ele falou: “Olha, eu aconselho vocês. Se vocês chegarem aí, a um acordo, se vocês montarem uma cooperativa, uma associação ou alguma coisa nesse sentido, né e aí toca o barco, continua fazendo o trabalho social que vocês fazem”. Porque, nessa época, a gente cobrava o material, a apostila, acho que era quarenta reais, quarenta, sessenta reais, alguma coisa assim. Então, para poder imprimir, comprar a apostila, que a gente tinha fornecedor, imprimir o xerox pros alunos. Então, era mais nesse sentido, pra gente manter essa organização. Mas como ele avisou a gente, era final de agosto, né, a gente teve que tomar uma decisão, se a gente continuaria com aquilo ou não. E aí a gente fez uma reunião, na época o grupo tinha vinte e cinco professores. Metade falou: “Olha, eu não tenho...”, porque aí a gente descobriu que não ia dar tempo de montar uma associação ou cooperativa. Os prazos, né? Aí tem a ver com a burocracia do Brasil e tudo o mais. Ele falou: “Não dá. O que vocês podem fazer é montar uma empresa particular, cria uma sociedade em que vocês são sócios, em que todos vocês representem isso e vocês podem trabalhar, dar aula, ser diretor, ser supervisor, coordenador, o que for, né? E aí, depois, com o tempo, se vocês acharem que vale a pena transformar isso em cooperativa, transformar isso em algum tipo de associação, vocês vão medindo”. Mas a gente percebeu que tudo ficava mais burocrático, caminhando para esse lado. Então, a gente falou: “Vamos manter aqui uma sociedade”. Que na época eram... começamos com doze professores, em 1998, né? A gente abriu a empresa no final de 1997. Então, durante o ano de 1998 éramos doze professores. Mas teve quatro deles que apareciam só pra dar aula, não participavam, aquela coisa de que não estavam na mesma sintonia. E eles acabaram sendo afastados, pediram desligamento e a gente seguiu, de 1999 pra frente, com um grupo de oito pessoas. E assim a gente foi até 2010.

(52:21) P1 – Como é que chamava a escola?

R1 – Chamava-se Cursinho Alternativo Rio Preto. A gente até registrou o nome, tiramos esse registro todo como “Cursinho Alternativo Rio Preto”. E chegamos a ter mil e seiscentos alunos, né, só de pré-vestibular. Então, foi algo muito, muito representativo. A gente chegou a ser, numericamente, o cursinho com o maior número de alunos da cidade de Rio Preto, no início dos anos 2000: 2001, 2002, aproximadamente, né? E aí, na verdade, assim, né, comecei a dar aula em 1995, em 1997, no final de 1997 eu fui jogado para o empreendedorismo, né? (risos) Então, talvez, se eu não estivesse ali, eu não teria pensado em abrir a minha própria empresa da forma como foi, né? Em 1998 a gente teve esse trânsito, de sair quatro sócios. E em 1999 eu fiz a minha primeira viagem para o exterior. Eu queria... na verdade, eu tinha tentado, nos últimos anos de faculdade, em 1996, 1997, um estágio no exterior, só pra ter alguma experiência, algum conhecimento. E eu fiquei na prova de inglês. Eu fiquei muito frustrado, né, porque eu gostava muito de estudar inglês nas letras das músicas, mas na hora da entrevista gagueja, gagueja, não saía o que queria: “Olha, você ficou com uma classificação... por pouco, aqui, você não tem direito a essa bolsa”.

P1 - Sim

R1 - “Cacete”. Fiquei, ali, indignado. E aí, em 1999, eu resolvi ficar um mês em Londres. Primeiro porque eu era doido pra conhecer Londres, né? Eu só pensava que... aqueles devaneios, né: será que eu vou encontrar algum “Stones”, alguém de “The Who”, alguém de... né? Você ficava naquela maluquice, né, mas eu queria ficar um mês em Londres. E aí eu fiquei um mês em Londres, fazendo um curso de inglês que melhorou alguma... melhorou, né? Ainda longe do ideal, mas melhorou. E dava pra eu me virar muito bem, né, ao final do curso eu já estava conversando com o pessoal da turma, que era de outros países e tal, porque a gente acaba aprendendo um vocabulário que é mais parecido, né, então fica mais fácil, também. E aí ainda fiz um mochilão de uns vinte dias, ali, pela Europa. Nessa época, escolhi uma passagem que era cem dólares mais barata, que na volta você podia ficar uma semana em Nova York, então fiz a loucura de sair do Brasil, ir pra Nova York, fazer uma escala de cinco, seis horas, pra depois ir pra Londres, então, aquela coisa de que: “Ah, pelo menos eu vou conhecer Nova York na volta”. Pra mim era muito importante. Fazia parte dos planos que eu dava aula, eu queria entender melhor essa história, não só de Londres, da Inglaterra, né, ter um pouquinho da experiência, melhorar meu inglês, mas também entender o que era um país desenvolvido, né, porque a gente fala: “Ah, os níveis de desenvolvimento, os indicadores, a qualidade de vida, o acesso a isso ou aquilo”, mas e aí, na prática, né? Porque eu tive uma boa qualidade... a gente tem uma boa qualidade de vida na região que a gente vive, no Brasil, no interior de São Paulo, né? Não é tão boa como um país desenvolvido, mas eu costumo brincar com meus alunos até hoje que, quem viveu a vida inteira só em Rio Preto, não tem ideia do que é o Brasil, né? Não tem qualquer noção da realidade que é o Brasil, outras regiões do Brasil, né, porque os indicadores socioeconômicos... simples, né? Afaste-se duzentos quilômetros, atravesse a fronteira do estado de São Paulo e veja as estradas de Minas, de Goiás, ou do Mato Grosso do Sul, a sinalização, a infraestrutura de uma série de coisas. Então, tem algumas regiões que depois eu fui passando, aí eu falei: “Nossa, não imaginava que fosse tão deficitária assim, tão pobre assim”, né? Então...

P1 - Sim

R1 - ... mas aí eu queria ter essa experiência. E acabei tendo, né, acabei... foi bacana. Aí, em 2002, não vamo... vamo... posso entrar já na ideia ou espero um pouquinho? (risos)

(56:15) P1 – Não, a ideia do bar? Claro, pode entrar. (risos)

R1 – (risos) Aí, o que aconteceu? Eu não tomava nada de bebida alcoólica, até a faculdade. E aí, nas faculdades, eu era muito tímido. Eu era muito tímido. Quem me vê falando hoje, quem me vê dando aula hoje fala: “Mentira que isso aí algum dia foi tímido”, né? Mas ou eu vencia a timidez, ou ela iria acabar comigo a vida inteira, né? Então, eu era... eu lembro que, até os quinze anos, eu era daqueles que andava curvado na escola, torto, né, tentando passar despercebido. E aí falei: “Ó, ou eu me viro com isso, ou vão se livrar de mim. Eu não vou ser aceito. Não vou participar, não vou integrar”. Na fase da adolescência, então, mais terrível ainda. Então, tá bom, comecei a tomar alguma coisinha, mas nesse sentido de ficar à vontade, né? Então, vou tomar alguma coisinha para ficar à vontade. E aí, olha que interessante: em 2001, eu estava dando uma aula para os meus alunos de um curso que a gente chamava de semiextensivo. E eu saí no intervalo e alguém da secretaria da escola falou assim pra mim: “Um avião se chocou com uma torre em Nova York”. Eu falei: “Nossa, que triste, que terrível, né?” Aí, deu uns vinte minutos, falou: “Outro”. Falei: “Vixi”, né? Daí ficou claro para mim que era um atentado, né, porque, até então... quando o primeiro avião se chocou contra o World Trade Center, ainda ficou aquela dúvida, né, sobre o que tinha acontecido. Na hora que o segundo se chocou, acabou a dúvida, né? Eram atentados que estavam acontecendo, né?

P1 - Sim

R1 - E eu saí dali, tinha acabado de dar uma aula de Guerra Fria, de Nova Ordem Mundial. Falei: “Cara, tudo que eu falei já está completamente ultrapassado. Tudo que eu falei, né?” Isso é uma coisa fantástica pra quem dá aula de História, Geografia. Você constrói a história todo dia. É uma coisa que te alimenta, assim. Não é aquela coisa que você vai dar... você nunca vai dar a mesma aula, né? É uma coisa muito, muito doida, assim, de boa. E aí eu falei: “Nossa”, né? Fiquei com aquilo na cabeça, dos jornais, noticiários. Guardei, né, a Folha, o Estadão da época, a Veja da época, do World Trade Center e tudo mais, da guerra contra o terror e tal. E eu fui buscar um documento na Unesp, eu lembro porque acho que era novembro de 2001. E estava o mesmo cartaz do estágio, que eu não tinha conseguido frequentar ele, por conta que eu não tinha a minha

nota de inglês, né? E aí eu falei: “Bom, crise no turismo internacional, ninguém mais está querendo pegar avião, de forma alguma, com esses atentados, eu vou me inscrever naquele concurso lá, né?” E fiz a prova de inglês, passei na prova de inglês, aí eles avaliaram tudo que eu tinha, porque era até para recém-formados, até cinco anos depois de formar. E aí eu lembro que era final de abril de 2002, veio uma notificação falando assim: “Ó, você foi selecionado. Você pode ficar um ano na China, seis meses na Hungria ou dez semanas na Alemanha”. Nessa época eu era diretor de escola, eu tinha, sabe, quatro ou cinco manhãs preenchidas, aquela coisa. Falei: “Cara, o que eu vou fazer agora, né?” Mas era uma bolsa que os caras me pagavam tudo para eu ir, pra ficar dez semanas em Munique. Eu falei: “Ah...” Conversei com os meus sócios da escola, falei: “Ó, eu vou no mês de julho, que aí um mês de aula eu não vou estar”. Um mês antes, eu coloco... o outro professor disse que me cobria, né, eu falei: “Então, eu vou embora”. Eu fui e aí é uma sacanagem ir pra Munique, né? No verão, com tanta cervejaria, com tanta cerveja! (risos) Eu já era doido por causa dos “pubs” britânicos, aí cheguei conhecendo as cervejarias da Alemanha, falei: “Cara, é isso”. Aí aquele meu bar, que estava na minha cabeça, precisava sair. Aí depois eu voltei para cá e aí comecei a pensar em montar o bar. E esse pensamento foi amadurecendo no ano de 2003, com um dos meus sócios, o Ronaldo, que era meu sócio na escola, né? E aí o Weber... o Weber, ele era meu sócio a gente fazendo festas na faculdade, na época. Hoje nós somos em quatro sócios no Vila Dionísio: eu, o Ronaldo, o Weber e o Rogério. O Weber e o Rogério, eles eram meus sócios em eventos da faculdade. Então, a gente fazia evento junto, a gente fazia festa junto. A gente fazia uma festa à fantasia em Rio Preto que se chamava “Fantástica”, que tinha quatro mil pessoas, né? Então, assim, ó: era uma coisa que era muito, muito legal. Então, ficava o ano inteiro trabalhando em função daquilo, né? As pessoas que vão num evento como esse acham que o evento aconteceu só aquele dia. Mas são meses de preparação. São meses de divulgação, de propaganda, de contratar banda, de contrato, de locar o lugar, locar som, locar o equipamento, fechar com patrocinador, com fornecedor, quem vai trabalhar, escalar quem vai trabalhar... então, assim, ó, então a gente foi aprendendo a trabalhar junto: eu, o Weber e o Rogério. E o Ronaldo virou meu sócio na escola, né? E aí, quando a gente foi montar isso, o Rogério estava na Califórnia e estava eu, o Weber e o Ronaldo aqui. Falou: “Cara, vamos montar um bar assim”. Não era para ser o que virou. O Vila Dionísio era pra ser um bar de happy hour. Na primeira semana, a gente abriu às quatro da tarde, com a ilusão que fecharíamos à meia-noite. Então, três horas... e era pra ser um bar de duzentas pessoas, né, todo mundo sentado. Na nossa cabeça, ia ficar todo o mundo sentadinho, numa boa, tranquilo. (risos) E, de repente, eram três horas da manhã e tinham trezentas pessoas na área do fundo, era uma área aberta, né? Os vizinhos começaram a reclamar, não era do som da banda, mas era que tinha muita gente conversando. Então, a gente foi obrigado a cobrir, a fazer algumas reformas. E aí foi virando mini casa de show, né? Hoje, a gente... depois dessa primeira reforma, ela já foi pra quatrocentas e cinquenta pessoas, depois da segunda reforma foi para seiscentas pessoas e aí a gente achou que não tinha que ser mais do que isso, né? Não podia ser mais do que isso, se a gente quisesse funcionar como a gente funcionava, né? Senão a gente teria que montar um local de evento. Oi, perdão?

(01:02:35) P1 – Era no mesmo lugar que é hoje, desde o início?

R1 – Sempre foi no mesmo local. Sempre foi no mesmo local.

P1 - Sim

R1 - Na verdade, se você pegar o primeiro ano, os primeiros oito meses, se eu não me engano, né? Na hora que você entra no Vila Dionísio de Rio Preto, aquele palco da frente era o único palco que existia. Então, era para ser algo muito aconchegante, pequeno, para tocar blues, para tocar jazz. Eu lembro que a gente tinha duas bandinhas de jazz em Rio Preto, que eram bem legais, assim, né? Uma era mais jazz com bossa nova, mas a outra tinha umas coisas instrumentais, assim, né? Daquele jazz americano, lá dos anos trinta, muito, muito legal. Mas aí, depois da primeira reforma, falou: “Ah, o palco já ficou um pouquinho maior. Já dá para trazer outras bandas, né? E, na época, a MTV tinha uma série de bandas... a MTV ajudava demais os bares de rock e as bandas de rock, né? Eu acho muito triste para onde a MTV caminhou, nesse sentido.

Culturalmente, pro setor, eu acho que foi uma perda gigantesca. Mesmo que nos últimos anos ela estivesse mais... como que eu vou dizer... mais “teen”, né? Mais juvenil, né? Mais jovem, né? Mas ainda assim eu acho que ela era fundamental para abrir espaço para tanta banda autoral, né? Pra tanta banda bacana que tocava em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Goiânia, né? Então, a gente assistia aquilo e falava: “Cara, esses caras podiam vir para cá, né? Vamos ver como é que é, quanto custa pra trazer esses caras, vamos ver como é que é?” E aí a gente começou, né, a ter algumas bandas que passaram aqui, que a gente começou a ficar empolgadíssimo, assim. A gente teve alguns artistas que tocaram, que a gente falou: “Cara, não acredito que esses caras estão tocando aqui, né?” Então, quando a banda era um pouco maior, geralmente a gente tentava fazer um encaixe, né, do tipo: a banda ia tocar no Sesc Araraquara, no Sesc Catanduva, tinha um dia no meio, vazio, a gente ligava, infernizava o produtor, falava: “Cara, vem aqui!” “Não, uma estrutura menor, uma estrutura assim” “Não, não consigo pagar, lógico que eu não consigo pagar isso pra vocês, eu consigo pagar isso. Mas vocês não vêm?” E aí os caras pesquisavam e falavam: “Legal, bacana”. E acabava vindo, né? A gente acabava dando um jeito de trazer esse pessoal pra cá. Então, a gente teve alguns shows, ali, que foram muito, muito bacanas, assim. Muito, muito legais, assim.

(01:05:00) P1 – Dá uns exemplos, aí, de bandas... essas bandas de Goiânia que eram super legais e existem ainda, né? Do interior de Minas. O que vocês traziam?

R1 – Cara, ó, eu acho que a primeira atração diferente que a gente trouxe de música autoral, né, que a gente já ficou super orgulhoso, foi o Flávio Guimarães, do Blues Etlícos. Pra nós já era uma conquista, assim, né, dele fazer um... que ele tocou ainda naquele palco da frente assim, né? Que hoje... Na época eu já achei que foi superlegal. Depois que a gente ampliou, a primeira banda que a gente trouxe foi Cachorro Grande, né, do Rio Grande do Sul. Então falou: “Pô, vai ter show do Cachorro Grande” e foi, assim, um puta show, mas durou cinquenta e cinco minutos. Então, foi aquela coisa sensacional, mas foi meio frustrante, tipo: “Mas e aí? Eu quero mais”, né? Todo mundo ficou com aquela cara de ‘quero mais’. E eles voltaram, vieram várias vezes. Aí trouxemos toda a turma lá do... aí trouxemos Bidê ou Balde, também do sul, trouxemos Wander Wildner, depois do Wander Wildner veio, então, os Replicantes, né? Aí trouxemos o Vanguard de Goiânia, né? Trouxemos Moptop, do Rio de Janeiro, que também é uma banda bem legal, bem bacana também, ao vivo funcionava muito bem, né? O que mais, né? Black Drawing Chalks, trouxemos... aí começava a trazer... não dava para trazer Angra, Sepultura, mas vamos trazer o Kiko Loureiro, vamos trazer o Rafael Bitencourt, vamos trazer... começava a trazer alguns que eram referência, pra tocar com outras bandas, aqui. E aí, né, no final dos anos 2000, para início de 2010, com o dólar mais barato, a gente começou a ter algumas atrações internacionais. E aí a gente já tinha o Vila Ribeirão, também, né, que foi inaugurado em 2008. E aí a gente viveu alguns momentos que foram mágicos, assim, né? A gente teve um show que, inclusive teve pouco público, teve pouco mais de duzentas pessoas, numa casa que cabe seiscentos é pouco, né, mas a gente teve James Burton, que é o guitarrista que tocou os últimos dez anos da vida com o Elvis, era o guitarrista que tocava ao lado de Roy Orbison, era o guitarrista que está no rock n’ roll, no Hall da Fama, né? É o guitarrista que tem uma Gibson com o nome dele, né? Um senhor de setenta anos vindo tocar aqui pra gente. Eu chorava assim, né, eu chorava... Falava: “Não acredito que esse cara tá tocando aqui, né, cara”. Chorava. Não conseguia. Fui no

camarim e ele falou: “Você que era o cara que estava chorando”. Eu falei: “É, sou eu”. (risos) Ia conversar com eles assim, né? E aí teve várias coisas legais, né? Vieram o Paul Di’Anno e o Blaze Bayley, que são os dois primeiros vocalistas do Iron Maiden. Eu até brinco com os clientes, falo: “Ah, falta vir o Bruce Dickinson agora, né! Os dois primeiros já vieram!” Veio Tim Ripper, né, que foi vocalista do Judas Priest, por algum tempo. Veio Kip Winger, que fez um show absurdamente incrível, só violão e voz, aquele cara cantando, né? Vocalista da banda Winger, norte-americana, famoso pelo single “Miles Away”, né? Mas ele tinha várias outras músicas muito bacanas. Eu nunca vi uma voz daquelas. Podia desligar o microfone, né, do jeito que estava, ali. Era impressionante, né? E aí começaram a vir também bandas que eram representativas pra gente do cenário nacional, né? O Biquini Cavado, uma vez, fez um show no Sesc, foi pro bar e resolveu cantar cinco, seis músicas, né? Depois a gente conseguiu encaixar um show do Nenhum de Nós, que é uma banda que eu tenho um carinho gigantesco, né? Tanto pelas músicas, como também pelo Sady, que é o baterista da banda, ser um cervejeiro incrível. A gente sempre se encontra nos festivais de cerveja, né? Lobão veio tocar. O Velhas Virgens tocou muitas vezes, né? Kid Vinil veio tocar, um doce, o Kid Vinil. Dava para pegá-lo no colo, assim. Uma coisa que era muito, muito gostoso, né? Fernando Deluqui veio tocar, do RPM... então, era uma passagem, assim. Eu tenho até medo de estar esquecendo de falar algumas pessoas ou artistas, que eram tão relevantes. E a gente teve...

(01:09:00) P1 – São muitos anos...

R1 – Oi?

(01:09:05) P1 – Não, é que são muitos anos. Se você for lembrar todos, não dá, né? São muitos anos.

R1 – É. Eu fico até com medo de ser injusto, né, porque a gente tem várias bandas, inclusive do interior de São Paulo, das cidades que faziam rock autoral, mas que não conseguiram o mesmo espaço de MTV, não conseguiram a mesma projeção, né? Então, se pegar o cenário de São Paulo, se você pegar na cidade de São Paulo, né, você pega bandas como o Carro Bomba, o Baranga, a Freak, que eram bandas que eram, né, parece que é super paulistano, assim, né? Aquela coisa. Mesmo assim, quando a Move Over mandou um material para gente, que eles tinham uma outra música autoral, né, a gente falou: “Legal”, passou a investir, a dar mais espaço. Ou mesmo o Terra Celta de Londrina, né? Eu fiquei superfeliz quando o Norman veio tocar em Rio Preto, né, o “Norman Bates”. Porque eu tinha visto a banda tocar no Armazém em Bauru e a gente ficou encantado assim, né? Falamos: “Não, vamos levar esses caras pra tocar lá, né, vai ser legal”. E era um momento em que a gente tinha muito espaço, por conta da música autoral estar mais em evidência, dessas bandas autorais estarem mais em evidência. E, como eu falei, a MTV ajudava o cenário a criar a curiosidade, né, a despertar a curiosidade por estas bandas. Então isso...

(01:10:20) P2 – Deixa...

R1 – Oi.

(01:10:23) P2 – Eu vou puxar para o lado aqui, nosso, da pesquisa, né? O que o “Norman Bates” tem de bom?

R1 – (risos) Olha, eu acompanhei muito pouco, pra falar a verdade, né? Teve o show deles em Bauru, depois acompanhei os shows deles aqui no Vila. Mas é... sabe aquela coisa do inesperado, né? Sabe aquela coisa do... de que você não esperava ver aquilo naquele dia, daquela forma e ser tão bacana? E trazer alguma coisa de crítica com melancolia, ou com... então eram coisas que... até uma certa... alguma coisa teatral, assim. Então, era uma coisa que... não é simplesmente estar lá cantando, né, mas trazia... você meio, sabe, tem banda que pega na mão do cliente, né: “Eu tô cantando essa para você, né? Presta atenção nisso que eu tô fazendo”. E o Norman tinha bastante disso, era algo que a gente achava muito legal, né? E quando a gente falou que ia trazer o Norman pra Rio Preto, inclusive, as outras bandas de Bauru, da região de Bauru: “Cara, que legal vocês vão levar o Norman pra”, (risos) né? As outras bandas todas ficaram com um ar meio que de surpresos, mas ao mesmo tempo: “Que legal que vocês vão levar os caras pra”. E a gente ficou superfeliz, também.

(01:11:38) P1 – Ô, Zanin...

(01:11:39) P2 – Que bacana!

(01:11:40) P1 – Mas uma coisa interessante que eu pude ver, né, porque eu estava lá tocando, é a participação do público. Numa cidade do interior, como é São José do Rio Preto, como o público participa e interage num show de música autoral, que não é uma banda famosa. Eu achei interessantíssimo isso. E isso aí vocês foram criando aos poucos, né? O público do Vila é um público que se interessa em ver uma coisa nova, que não conhece. Não é?

R1 – Mas sabe uma coisa que aconteceu, Luís, que foi muito, muito legal, assim? Que a gente não contratava a banda, esperava ela vir e ver se vai dar certo, né? A gente sempre quis tratar as bandas como parceiros. É muito difícil a gente trazer uma banda, porque a gente sabe que depende de um tempo pra formar público, né? Então, às vezes, se você está numa fase mais difícil, você arrisca menos. Se o momento no país, ou a crise na cidade... a gente teve duas reformas na Bady Bassitt, que é a avenida que a gente está no Vila, aqui, que quase que fecharam a gente. Porque eles abriram o canteiro de fora a fora, pra trocar tubulação de esgoto. Sabe? E isso ficou seis meses. Da outra vez, ficou quase um ano. São aquelas coisas que você fala: “Cara, não é possível que o poder público seja irresponsável nesse grau, entendeu? Com os comerciantes daquele local”. Então, tem época que você tentava arriscar mais, algumas coisas, né? E tem banda também que te permitia melhor. Então, pra contar algumas histórias, tinha banda que chegava e falava assim: “Ô, a gente queria tocar aí e tal. Nosso show é meia hora”. E eu falei: “Mas, amigo, eu vou pagar uma van pra você sair da sua cidade, você vai vir pra cá, vou pagar seu cachê e você vai tocar meia hora? Não dá pra você, nesse show, mesclar alguma coisa que seja influência de vocês, ou coisas que vocês gostem, que fazem parte da banda, que componha qualquer coisa? E lógico, né, você toca um, dois covers e toca uma música autoral sua, ou faz um bloco mais de cover, assim e no segundo é só autoral, tal”. Mas várias bandas não queriam. Então, você tinha algumas bandas que eram bastante vaidosas nesse sentido. Eles não tinham paciência de criar o público. E eu falava: “Cara, o Elvis tocava cover, cantava cover. O John Lennon, a primeira banda dele era só cover, absolutamente só cover. O Led Zeppelin, o primeiro disco, olha quantos covers que tem! Os Stones, olha quantos! Por que você, o Zezinho aqui de Pirapora, não vai poder tocar um cover? Pelo amor de Deus! Eu sei que quer ser, que sua banda cresça, né e tomara, vou torcer, gosto. Legal, cresceu, explodiu, maior banda do mundo e tocou aqui, pra mim é o maior orgulho falar isso. Mas é uma construção, meu irmão”. E muitas vezes o cara não tem essa paciência, não tem essa visão ou não tem essa capacidade de enxergar, que é um projeto nesse sentido, né, que você precisa formar. E aí... Mas tem outras que conseguem, né? Então, engraçado: o Terra Celta, que é uma banda que acabou ganhando uma projeção bem legal no interior, né? Eu acho que na capital de São Paulo ainda é muito pequeno. Em Curitiba, eles sempre tocam no Sheridan’s, tal. E é uma banda de Londrina, né, que faz música autoral. Praticamente só toca autoral, mas tem aquelas quatro ou cinco músicas, ali, que eles misturam com música celta. “Whiskey in the Jar”, né? Aquela versão que o Metallica gravou, lá, que era da Thin Lizzy, da banda irlandesa. Eu sempre peço para eles tocarem “I’m Shipping Up To Boston”, que é uma música de uma banda chamada Dropkick Murphys, né? Eu acho sensacional a música. E, no meio do caminho, no meio do desenrolar da carreira, eles começaram a brincar, então eles estão no meio de uma música deles pra outra e eles tocam quarenta segundos da trilha sonora de Amélie Poulain, né? Então aquilo já te traz... E aí vira uma valsa no meio do Vila e todo o mundo...

eu acho que é de uma experiência, assim, incrível, né, fantástica. Então, eu lembro: eu liguei pro Elcio, do Terra Celta, ele me mandou um CD que tinha umas três, quatro músicas. E eu falei: “Ô, vamos fazer um Saint Patrick’s, e vocês vêm tocar aqui?” “Vamo, vamo”. Falei: “Ô, geralmente, o que o pessoal faz aqui é um show de uma hora e meia, uma hora e quarenta, um intervalo e depois volta, toca mais uns quarenta, cinquenta minutos. Ou faz duas entradas de uma hora e vinte, o que você achar melhor, uma hora e dez. Você tem música pra isso?” Ele falou: “Quando que é o show?” Eu falei: “Ah, daqui...” Estava conversando com ele em janeiro, falei: “Em março, no Saint Patrick’s”. Ele falou: “Tem, a gente tem”. (risos) E aí ele conta no palco, até hoje ele conta no palco: “A primeira vez que a gente veio tocar aqui, o Zanin ligou pra gente perguntando se a gente vinha e eu falei que vinha, e eu falei que vinha. Que a gente tinha show, mas a gente só tinha aquelas quatro músicas que mandou pra ele”. (risos) E aí ele falou: “Então, nós vamos ter que tirar um monte de música, nós vamos ter que montar um monte de coisa, pra vir”. E aí, na hora que eu perguntei o que ele tocava, ele falou: “Ah, vamos tocar essa, essa, essa”. E me mandou meio que um setlist e o que que eu comecei a fazer? Eu comecei a colocar aquelas músicas no intervalo das outras noites. Então, você começa meio que a habituar o público com aquilo, né? Eu lembro que, nos primeiros anos, 2004, 2005, a gente montava... olha, por exemplo: eu tenho dois CDs aqui, né, que ficaram de recordação, que era daqueles que a gente gravava no computador de casa. A gente gravou, tipo, mil CDs de cada um desses no computador de casa. E a gente deu, distribuiu gratuitamente pros clientes, porque tinha duas músicas da Move Over, duas músicas da Senhor X de Ribeirão, duas músicas da Freak, de São Paulo, duas músicas... então, meio que a gente falava: “Ô, essas bandas vão tocar aqui daqui três meses”. E a gente dava pros clientes. Então, os clientes passavam a: “Ah, que banda que é essa? O que é isso? Deixa eu ver”. E procurava no Google, né, ou procurava nos sites de música, né? Procurava e começava a ouvir. Então, uma coisa que a gente foi aprendendo a fazer é do tipo, a gente ia fechar com uma banda daqui uns três, quatro meses, a gente já falava: “Gente, essa banda vai vir tocar aqui”. Vai vir tocar o Cascadura, lá vem de Salvador, tocar, o Cascadura. Vai vir tocar Forgotten Boys. Vai vir tocar... e a gente já pegava aquilo, eu pedia pra banda e falava: “Ô, pessoal, não quero vender o disco de vocês, não é isso. Mas eu posso pegar duas músicas do disco de vocês e colocar num cdzinho nosso, aqui e passar pros clientes, aqui, pra eles aprenderem?” Tinha banda que falava assim: “Cara, a gravadora não deixou”. Os caras ficavam putos com a gravadora. Dava uns dois, três dias, eles ligavam e falavam assim, ó: “Cara, a gravadora não deixou, mas você pode fazer aí. Se der algum BO, eu falo que já tinha passado pra vocês, que já tinha impresso o negócio e tal”. Aquela coisa do cenário independente: você quer mostrar o seu trabalho, entendeu? Quem já tinha gravadora, ainda, né? Por um lado, era uma mão na roda, mas por outro dificultava um monte de coisa. E aí, (risos) até que veio a questão das músicas digitais, né? Em que você podia passar só o link: “Gente, essa banda está vindo, presta atenção nessas músicas”, né? Aí já era época de Orkut, né? Então, aí já era uma época em que você divulgava... ou depois, no começo do Facebook, você falava assim: “Vai vir uma banda aí que tem o baterista do Raimundos, o Fred. A banda se chama Supergalo. Eles tão com um ‘hitinho’ aí, tal, bem bacana”. Eu já colocava aquilo pra tocar em todo intervalo do bar e eu já mandava por e-mail, mandava nas redes sociais, colocava no Orkut, onde que tinha que colocar a gente colocava, pra tentar estimular esse cenário. Até que chegou uma hora que a gente foi formando esse público em Rio Preto e essas pessoas começaram a procurar por bandas e elas começaram a nos indicar: “Cara, vocês já viram isso aqui? Vocês têm que trazer esses caras aqui. Cara, você tem que trazer esses outros caras aqui”, né? Então, aí tinha coisa que dava certo e tinha coisa que não dava. Tinha gente, tinha banda que você ligava e falava: “Cara, a gente viaja em doze, são doze. Só dá pra ir com passagem aérea, custa tantos reais e custa, o show é...” Falava: “Cara, não dá”. Não dava, naquele momento, para você investir isso numa noite, que você sabia que não ia se pagar, porque você não conseguia cobrar mais por isso.

P1 - Sim

R1 - Você consegue cobrar mais na noite em que toca Bon Jovi Cover. (risos) Você consegue cobrar mais na noite que toca Coldplay Cover. Mas numa noite de banda autoral, você tem que cobrar metade e vai dar metade do público. Você faz isso, não é... aí é a hora que você deixa de ser empresário e vira maluco, porque você faz isso por paixão. Você faz isso por cultura. Você faz isso porque você quer ser diferente dos outros bares, porque você quer ter relevância, porque você sabe que o seu projeto é maior, porque você quer ter história na sua cidade, porque você quer devolver pra sua cidade parte do que você teve, né? Então, se você não tiver esse pensamento, não adianta. Não ache que você vai colocar uma banda autoral, que pouca gente conhece e que vai explodir a casa, que vai pagar, sabe, as pessoas vão pagar caro pelo ingresso. Não dá. Não adianta. Ou então...

(01:20:51) P1 – Ô, Zanin...

R1 – Oi.

(01:20:54) P1 – Não, não, desculpa, te cortei. Ainda tinha o finalzinho.

R1 – Não, não, é aquela coisa que muitas vezes eu até comecei a sugerir se a banda não podia abrir um show da noite, né? Ou, né...

(01:21:08) P1 – Sim...

R1 – Ou tocar depois, né? Então, de repente, falo: “Cara, vocês não querem tocar aqui tipo das onze à meia noite? E aí depois entra, sei lá, depois vai entrar o AC/DC Cover. O Red Hot Cover. Mas antes, a sua sonoridade, a sua banda, acho que poderia encaixar esta noite, aqui, né?”. Eu tentava pegar coisas que fossem relativamente mais parecidas, ou propostas que fossem, né... ou que aquele público não ia estranhar tanto. Então, tinha que fazer essa curadoria aí, de ficar cuidando nesse sentido, ou de falar: “Não, ó, cara, acho que encaixa aqui nesse dia. O que você acha?” Mas poucas bandas topavam. Porque, aí, tem uma coisa que é de muita vaidade, né? Tem gente que é: “Não, meu show, meu isso, meu aquilo”. E aí, às vezes não dava, por conta disso. As bandas que geralmente se sujeitavam mais... quem topa mais coisas, sobretudo no começo, consegue atingir mais. E eu não tô falando... assim, uma coisa que a gente nunca ficou é ficar pedindo... nunca ninguém tocou de graça nos nossos bares, porque é uma coisa que a gente não admite, assim. Tem que ter o mínimo de cachê, tem que ter o mínimo de estrutura, tem que ter... sabe: “Ô, cara, o que dá pra pagar agora é isso, mas vem pra cá, a gente vai cuidar de você, desse jeito, vai funcionar assim. Da próxima vez a gente melhora, da outra a gente coloca assim, na hora que tiver casa cheia, a gente faz proporcional”, né, é o tipo de coisa que a gente faz. Mas é difícil você... o músico entender que a banda dele é uma empresa também, né? Então assim, ó, seria ótimo se você tivesse, como toda empresa... você lançar um produto e explodir de vendas, né? Mas às vezes não, você tem que ensinar às pessoas o que é aquele produto. As pessoas precisavam ler a história da Coca-Cola, a história de outras marcas, de outros... as marcas são construídas, né? Elas não nascem do dia pra noite. Você precisa construir uma marca. E também precisa ter qualidade. Não é porque você sabe tocar guitarra, que você sabe tocar bateria, que seu som é bom. Então, é difícil você falar: “Olha, acho que não vai dar certo, acho que não é bem por aí”. Então... Tem que ter cuidado pra falar isso, né, porque é difícil você colocar... você criticar ou colocar valor no trabalho dos outros, né? A gente precisa ter bastante respeito com isso.

(01:23:16) P1 – Sim. Ô, Zanin, e o nome da casa, quem que criou? “Vila Dionísio”, quem que criou?

R1 – Olha, na verdade, né, eu acabei criando, mas a gente já tinha passado por tudo quanto é nome. E aí teve uma noite em que a gente saiu com

um grupo de amigos... como a gente era professor também e tinha professores de Filosofia, de Sociologia, de Literatura, começaram a falar de nomes distintos, tal, né? E a gente já sabia que a gente queria algo que fosse “Vila”. A gente queria que fosse algo aconchegante, que fosse algo que remetesse a algo menor, né? Então, tem muito empreendimento no interior que é “Vila” alguma coisa. Então, do tipo ó: vila é aquela coisa em que todo o mundo se conhece, ou daquele nicho, daquele grupo, a gente sabia que a gente não ia pegar a cidade inteira. A gente ia pegar o nicho das pessoas que gostavam daquele tipo, daquela proposta musical, cultural, ambientação, né e tal. E aí a gente ficou procurando o que ia ser o resto, né? (risos) E aí, nessas brincadeiras, a gente ficou nessa conversa que Dionísio era o deus da alegria, da festa, da farrá, da bebida, né, do vinho... ficamos, na época eu sugeri que podia ser “Baco”, mas “Baco” não tinha muito a ver, ou não ia, sonoro... do ponto de vista sonoro, não ia ficar tão bom e aí acabou ficando “Vila Dionísio”. E aí: “Todo o mundo gostou?” Gostou. “Vamos embora?” Vamos embora. E aí ficou “Vila Dionísio”. É muito curioso, porque em Rio Preto é Vila e em Ribeirão é Dionísio. As pessoas lá falam: “Vamos pro Dionísio?” E aqui em Rio Preto as pessoas falam: “Vamos pro Vila?” (risos) Então, apesar de ser o mesmo nome, é capaz de você chegar em Ribeirão e falar: “Vamos pro Vila?” e falarem: “Que Vila? Qual Vila que nós vamos?” “Não, vamos pro Vila Dionísio, né?” “Ah, o Dionísio! Vamos no Dionísio”. E é muito curioso. A gente teve o primeiro chefe de segurança nosso, aqui em Rio Preto, que se chamava Ionício. Eu, pelo menos, não conheci mais nenhuma pessoa que se chamava isso. E ele ia falar com as pessoas: “Ô, o seu RG pra você entrar na casa, e tal?” “Qual que é o seu nome?” “Ionício” “Ah, você que é o Dionísio, então?” (risos) E durante muito tempo as pessoas achavam que era ele o Dionísio, que era ele o dono da casa, que era ele e o apelido dele era “Neno”, né? Eu falava: “Neno, tá ótimo, cara. Continua sendo você, porque eles vão sempre procurar você, a noite inteira”. (risos) Mas tem essa brincadeira do nome, aí, que ficou. E depois ficou... eu não sei se a gente faria da mesma forma, né, porque às vezes você vai criar logo, você vai criar coisas, é um nome comprido, é um nome duplo, é um nome... né? Em termos de logomarca, em termos comerciais, ela... mas acabou ficando e hoje não dá mais pra voltar atrás, a coisa está muito bem consolidada, né, no sentido de que plantou-se a ideia, plantou-se o conceito, né?

(01:26:15) P1 – Claro.

R1 – E não adianta fingir que vai mudar de nome.

(01:26:22) P1 – Tá certo. Ô, Zanin, e como é que você conseguiu casar as atividades aí, né? Porque o Vila abre todos os dias, quase, né? E depois você ia dar aula de manhã? Como é que era?

R1 – Na verdade, eu sempre concentrei minhas aulas de segunda-feira a quarta-feira, né? Então, eu concentrava minhas aulas, tudo que podia, de segunda-feira a quarta, no máximo de quinta-feira de manhã e aí, de quinta-feira pra frente eu vivia a atmosfera dos bares, né, a atmosfera dos shows. Eu acho que nos primeiros dois, três anos, eu fui praticamente todos os dias, assim. Mas chegou uma hora que, eu falei, não dava mais, ou também não tinha mais necessidade e a gente começou a criar ferramentas específicas, treinamos pessoas específicas. Então, se você chegar no Vila hoje, o gerente sabe tudo que ele tem que fazer, o chefe de segurança sabe tudo que ele tem que fazer. Se eu chego lá e está muito diferente disso, né, eles já ficam até assustados: “Não, hoje eu resolvi fazer assim!” Falo: “Não. Não dá”. E nós somos em quatro sócios, né, então isso é uma vantagem, porque sempre tem um de nós lá, né? Então, se tem algum problema diferente... e outra: o fato dessas redes sociais, se o som não está muito bom, recebo mensagem de cliente: “Zanin, não vi você aqui no Vila, não sei se você está aqui, mas o grave está muito forte, cara. Tá muito alto. É melhor regular o médio aí, tirar um pouco do...” Os clientes mandam mensagens pra mim, eu já mando pro técnico de som: “Ô, o pessoal está reclamando do som. O que está acontecendo aí?” “Cara, eu mudei isso, aquilo, mas o guitarrista aumentou de não sei o que, mudou o timbre pra não sei o que lá, no meio do show”. Falo: “Ô, tem que dar um jeito de arrumar aí, chama a atenção da banda, de uma música pra outra, que o cliente está reclamando”, porque tem hora que o pessoal acha que o problema é volume, é altura. E não é. Às vezes é mais a qualidade do som, mesmo. A equalização.

(01:28:06) P1 – Sim. Ô, Zanin, e outra coisa que é muito valorizada, né, e conhecida do Vila Dionísio são as cervejas, né? São muitas marcas, né?

R1 – Isso.

(01:18:19) P1 – Como vocês chegaram nisso aí? Já é meio tradição do interior, né? Ribeirão tem um monte de fábrica, Rio Preto acho que o pessoal gosta, mas como é que foi isso, de apostar nisso aí?

R1 – Então, né? (risos) Quando eu fui pra Alemanha, Munique, eu fiquei numa cidadezinha do lado de Munique. Vinte e três, vinte e quatro quilômetros de Munique. Chama Freising. É uma cidade de quarenta mil habitantes. Tem dez mil pessoas ligadas à faculdade, dez mil estudantes, né, graduação, pós-graduação, professores e tal. E tem quatro cervejarias numa cidade de quatro mil habitantes, inclusive é a sede da Weihenstephan, que é a cervejaria mais velha do mundo, né, em atividade, ela funciona desde o século VII, lá. E Freising era a cidade mais importante da Baviera até o final do século XIX, até hoje é sede do bispado da Baviera. O papa anterior, né, o Ratzemberger (nota: O entrevistado quis dizer Ratzinger. Ratzemberger se refere ao automobilista.) foi ordenado padre lá. Eles contam, né, com bastante orgulho a história de Freising. Só que, no século XX, o crescimento de Munique atropelou Freising, né e Munique se transformou na terceira maior cidade da Alemanha, depois de Berlim e Frankfurt. E Munique se transformou numa grande referência econômica, sede de empresas de alta tecnologia, fora a indústria tradicional, né, sede da BMW... então... e famosa pela Oktoberfest, né, maior Oktoberfest do planeta, tal. E eu lembro que eu estava na Alemanha, primeira semana, depois de uma semana de estudo lá. E eu dividi um apartamento, né, um “flatzinho”, assim, que tinha dois quartos, tinha a área de cozinha e banheiros em comum, com um rapaz que era da antiga Alemanha Oriental e ele chamava Klaus. E ele estava saindo e ele falou: “Cara, eu tô indo no mercado, você quer comprar alguma coisa?” Eu falei: “Cara, eu queria comprar alguma cerveja, queria que você me mostrasse que cerveja da Alemanha é boa, né?” Ele começou a rir e falou: “Ha! Então vamos lá”. E aí ele foi lá, pegou dois engradados, pegou dois engradados de vinte unidades, levou... a primeira coisa que já fiquei impressionado, né, porque isso era 2002, mas já tinha uma máquina na porta do mercado, onde ele colocava as garrafas e ia contabilizando o vasilhame e devolvia pra ele em euros. Então: “Ô, devolvi aqui quarenta vasilhames”, a gente tem aqui dezesseis euros, pra pegar em produto. Então, é uma forma que eles têm de incentivar essa reciclagem, né, essas coisas todas. E eu falei, ah... Já fiquei... falei: “Nossa, vou virar um catador de garrafa na Alemanha”. (risos) E aí ele falou: “Ô, essa é mais amarga, essa é mais não sei o que, essa é mais desse jeito, essa é mais daquele jeito” e eu fui pegando as coisas. Peguei uma de cada. E aí tirei uma foto. Na época, as fotos ainda não eram digitais, então não consegui mandar pro pessoal aqui. Eu tive que, depois, acessar um scanner na faculdade, uma semana depois, com essa foto, com essa imagem aí, de umas quinze, vinte cervejas diferentes. E eu falei: “Nossa, quanta cerveja boa, né? Quantos rótulos diferentes, de cervejarias diferentes, cervejas boas, tal”. Fiquei com aquilo na cabeça. E aí, aqui em Rio Preto, na hora que eu voltei, 2002 para 2003, todos os bares de Rio Preto tinham virado bares sertanejos, de pagode e tinha até um bar de forró, nessa época.

(01:32:02) P1 – Sei. (risos)

R1 – Não tinha mais nem MPB em Rio Preto. Eu falei: “Cara, não é possível que não dá pra ouvir nem mais uma bossa nova em algum lugar. Rock, então, a galera vai me expulsar, né?” (risos) E todos esses bares tinham virado uma bandeira que era da Germania ou da Crystal. É, então... mesmo o... O único bar que ainda tinha mantido bandeira aberta foi o Zero Grau, mas todos os outros bares, nem Ambev tinha mais. E aí eu... isso era 2003. E eu falei: “Cara, eu tenho 28 anos, moro sozinho, solteiro, sou professor, diretor de uma escola que eu sou sócio, tô ganhando bem e não consigo ir num bar ou num restaurante para ouvir uma música que eu gosto ou tomar uma cerveja diferente, né?” E aí a gente ia passear, ia pra São Paulo dar uma volta, ia no FrangÓ e já tinha cento e tantas cervejas. Ia no Merlin e já tinha quinze chopps diferentes, mais cinquenta cervejas diferentes. Falei: “Cara”. Na hora em que a gente falou: “Vamos montar um bar”, esse bar tinha dois pilares, o primeiro que era a música e o segundo, que era a cerveja. E aí nesse pilar da cerveja, a gente abriu o bar já com setenta rótulos, né? Então, com cervejas belgas, com cervejas alemãs, com cervejas do sul do Brasil... já tinha, na época, a Baden Baden e a Eisenbahn eram cervejarias independentes, né? A Baden de Campos e a Eisenbahn de Blumenau, eram micro cervejarias. A Colorado, nessa época, só vendia chopp, não vendia cerveja de garrafa. A Colorado também era uma cervejaria independente. Mas a gente pegava o barril vazio, aqui, levava pra Ribeirão, eles lavavam e enchia pra gente do chopp que a gente queria e trazia chopp de Ribeirão pra cá. Sempre fui muito admirador do trabalho do Marcelo Carneiro lá em Ribeirão, né? Então, isso... desde o início o Vila teve essa proposta, a gente abriu com setenta rótulos, chegamos a ter quase quinhentos rótulos de cerveja no cardápio do Vila. E aí a gente viu que a gente estava fazendo uma burrada muito grande. Porque, por exemplo: se você pegar uma cerveja do estilo Weissbier, que é uma cerveja de trigo alemã, né? Chegou uma hora que eu tinha trinta cervejas Weissbier no cardápio. Eu falei: “Cara, pra que que eu preciso ter trinta cervejas de trigo no cardápio? Eu posso ter, sei lá, cinco ou seis cervejas de trigo no cardápio, de ótima qualidade, posso até ir trocando elas com o passar do tempo, né? Mas eu preciso ter uma variedade mais de outros estilos, de outras propostas, né?” E era um momento em que a indústria de bebidas, a indústria cervejeira norte-americana estava começando a explodir, né? Porque eles estavam vivendo aquele movimento de renascença cervejeira. Então, os Estados Unidos, depois da Lei Seca... antes da Lei Seca, eles tinham quase duas mil cervejarias. Depois da Lei Seca, eles passaram... sobram sessenta, setenta cervejarias nos Estados Unidos inteiro, né? E o número de cervejarias ainda foi relativamente pequeno até os anos noventa, perto de duzentas, trezentas cervejarias. Só que, no início dos anos 2000, desperta esse movimento de renascença cervejeira nos Estados Unidos e os caras começam a aumentar. Quinhentas cervejarias por ano, mil cervejarias por ano. Hoje eles têm mais de dez mil cervejarias. E aí começa a surgir algo que não existia. Porque até então, historicamente, você tinha três escolas cervejeiras, né? Você tinha a escola alemã-tcheca, você tinha a escola inglesa-irlandesa e você tinha a escola belga-holandesa. Você tinha três escolas cervejeiras e não se falava... quem vai inventar mais o que com cerveja? Mas os americanos, nesse sentido de inventar produtos novos ou desenvolver novos produtos, são incríveis, né? E aí eles desenvolveram uma escola cervejeira alemã, onde tudo pode ser desproporcional, né? O lúpulo pode ser desproporcional no aroma, no amargor, na turbidez. Essa cerveja pode ser ácida, desproporcional. Essa cerveja pode ter fruta de tudo quanto é tipo, pode ter flor, pode ter amêndoa, pode ter... vamos colocar qualquer coisa que a gente quiser. Se pensar que na Alemanha tem a “Reinheitsgebot”, né, que é a lei de pureza da cerveja alemã, que só pode usar malte, água, lúpulo e depois a levedura, né? Então, você não pode pôr mais... você não pode pôr açúcar. Você não pode pôr um cereal não malteado. Você não pode pôr uma fruta. Na Alemanha, não pode nada, né?

(01:36:46) P1 – Sei

R1 – É mais conservadora, né? E, na verdade, eles criaram essa lei lá no início do século XVI, que era pra proteger a qualidade, porque havia... eles estavam produzindo. A gente... Hoje, quando a gente pensa na importância da Vigilância Sanitária, né, de você controlar a produção, a origem da matéria-prima, do produto, né? Mas você imagina quanta gente não morreu lá atrás, pela falta de... porque se colocava qualquer coisa nas bebidas e nas comidas, né? Então, os alemães foram muito rígidos nisso, né? E chega os americanos e falam: “Cara, pode absolutamente qualquer coisa aqui, lógico, desde que seja aprovado pela FDA, desde que seja aprovado pelos organismos competentes, né? Você tem que ser responsável pelo que você está fazendo. Se você quer maturar em barril de madeira, pode maturar. Quer maturar com, né...”. Enfim, né. E aí começou a aparecer muita coisa. Se você pegar o final dos anos 2000 pra início dos anos de 2010, então ali de 2007 pra 2013, 2014, o dólar estava abaixo de dois reais, estava um e sessenta, um e setenta. Chegou a bater um e cinquenta e oito. A gente conseguia comprar produtos incríveis, muito baratos. Chegavam produtos de excepcional qualidade aqui, de forma muito, muito barata. Então, a gente realmente ampliou. E depois que a gente inaugurou em Ribeirão, em 2009... em 2008, né? Imagina que em Ribeirão você só tinha uma cervejaria independente, né? Você tinha a Ambev, mas você só tinha essa cervejaria independente, que era a Colorado, tá?

(01:38:20) P1 – Sim

R1 – Hoje, Ribeirão e vizinhança, Sertãozinho, têm quinze. Quinze, né? E muitas delas surgiram no balcão do Vila Dionísio Ribeirão, com as pessoas indo tomar essa variedade de cervejeira maluca e virou meio que não só uma reunião, um local de encontro de músicos ou adoradores de música, mas Ribeirão virou uma cidade dos adoradores de cerveja e o point, todo mundo falava: “Vamos pro Vila Dionísio”. Tinha noite que estava numa mesa ou num balcão, dez mestres cervejeiros conversando. E falavam: “Ah, nós vamos montar uma fábrica aqui, nós vamos montar uma fábrica ali, nós vamos desenvolver isso aqui, nós vamos desenvolver aquilo”. Então, virou uma... a gente teve a sorte e aí, junto com a sorte, a competência, de estar no momento certo e aproveitar a oportunidade de falar: “Não, vai caber isso aqui em Ribeirão, né?”. E coube, né? Foi uma coisa que foi fantástica, né, tudo o que aconteceu com a gente lá em Ribeirão, em termos cervejeiros. Então, foi algo que foi muito, muito legal. Isso foi algo que foi muito, muito bacana, né, da gente levar em consideração. E, em 2009, a gente teve a visita de um professor, que era da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Leonardo Botto e ele fazia cerveja caseira, na panela. Eu fui participar desse curso assim, ó: completamente descrente. Falei: “Cara, como é que nessa panela aí vai sair uma cerveja decente?” E ele, bastante informal, eu gosto muito dele, né, aprendi bastante com ele, assim, é uma pessoa sensacional. E aí, explicando todos os detalhes, desde a moagem, desde a proporção de água para quantidade de grãos, a rampa, o que vai... a temperatura, né, porque você tem que respeitar as temperaturas do cozimento de cada cerveja. Porque varia, né? Se você colocar... Tem cerveja que, se você deixar mais tempo nos sessenta graus, menos no setenta e dois, ela vai ter uma diferença significativa. Tem cerveja que você tem que começar a rampa com quarenta e cinco graus, senão você não vai ter, né, toda a quebra de enzimas que você precisa ter para aquela cerveja. Isso... né, imagina, né? Adoro cozinhar, sou biólogo. Começa a mexer com essas coisas, eu falei: “Pô”. E aí, participando do curso, ao final do curso aquela cervejada, tendo tantas cervejas diferentes que ele tinha feito: “Ah, mas você que fez, mas você não fez nessa panela” “Fiz nessa panela” “Ah, não é possível!”, né? Aí, um mês depois, a gente marcou de voltar para Ribeirão, pra tomar a cerveja que a gente fez, que foi uma “Oatmeal Stout”, uma Stout com aveia, né? E eu falei: “Cara, não é possível que é aquela cerveja”, porque ficou muito boa. Mas ficou muito boa. E eu falei: “Cara, não é possível que dá pra fazer cerveja nessa panelinha aqui, de quarenta litros, né?”. E foi possível. A cerveja ficou incrível. E eu falei: “Eu quero fazer cerveja, também”. Aí vou eu, comprar as panelas, mandar adaptar as panelas, colocar tomeiras, coloca, né, uma rede por baixo, a bazuca, põe não sei o que... bom, devo ter feito umas duzentas brassagens, né?

Raramente a gente perde alguma coisa, se você respeitar os processos e respeitar a sanitização de tudo, né, porque você está mexendo com micro-organismo, né, raramente você perde alguma coisa. Você pode ter... não lembro de a gente ter perdido nenhuma cerveja. Eu lembro que às vezes pode ter ficado um pouquinho fora do estilo. Ficou um pouco mais alcoólica do que a gente queria, ficou um pouco mais doce do que a gente queria, ou a lupulagem podia ser melhor, o aroma desse lúpulo está mais fraco, aí você vai ver o lúpulo era mais velho, você tinha que pegar um lúpulo mais fresco, já que o objetivo era esse, né? E a gente começou a fazer nossas cervejas, né? E quando a gente foi completar dez anos do Vila de Rio Preto, em 2014, tinha uma cerveja que a gente já fazia na panela e aí dava pros amigos, fazia nos churrascos de casa, na casa um do outro e tal e essa cerveja, a gente resolveu produzir ela em escala comercial e a gente fechou uma parceria com a Invicta, a Cervejaria Invicta em Ribeirão. E produzimos três mil litros dela. Eu não sabia que nome dar na época, lá... tem um lúpulo que é muito famoso, que se chama Centennial. E a gente estava fazendo dez anos de Vila e falamos: “Ah, então vai chamar ‘Decennial’”. Vai brincar com esse lúpulo, vai brincar”, né? E a American Pale Ale, naquele momento, era uma cerveja que estava meio que na moda, né? Porque tem essas coisas, também, né? Esse estilo está meio que na moda. Então... E a gente a produziu ela e a galera adorou, assim. A aceitação dela foi muito boa, né? E aí, nos anos seguintes, me dediquei a produzir outras variedades, né? Continuei fazendo um monte de curso, fui fazer mais dois cursos que... o Marcelo Carneiro, da Colorado, faz algo incrível em Ribeirão. É uma pessoa que tem uma importância fundamental na história da cerveja no Brasil e das cervejarias artesanais, especialmente, né? Porque ele trazia, ele contratava, por exemplo, o Paulo Schiaveto, que é um dos caras que mais entende de cerveja no Brasil e ele levava pra Colorado para dar curso, mas ele chamava todo o mundo em volta, pra assistir. Então, ele falava: “Ô, pessoal que é da outra cervejaria, vocês que são do Vila Dionísio, vocês que são... não querem vir assistir a palestra, o curso que o Schiaveto vai dar?” E a gente ficava uma semana fazendo curso com o cara. E falava: “Cara, não acredito, então se eu tivesse feito isso, tinha acontecido aquilo?” “É! Não, se você...”. E aí foram surgindo escolas de cerveja, né? A escola de cerveja em Blumenau, a escola de cerveja e malte de São Paulo, que tem ali em Moema, as próprias cervejarias começaram a dar curso, né? Então, se você for hoje lá na Trilha, o Beto dá aulas de cervejaria, dá aulas de produção de cerveja, né? Então... E aí começou. Imagina, né? Aí, nas nossas viagens de sócio, que a gente foi visitar... nós visitamos umas trinta e cinco cervejarias no exterior e umas quarenta cervejarias no Brasil, né? Então, todo lugar que você vai, existe noventa por cento da história que é idêntica, lógico, você está produzindo o mesmo produto. E você tem os outros dez por cento que é ou a história do perrengue, dos perrengues que aquele grupo teve pra montar, os problemas que eles tiveram: “Olha, pusemos um tanque assim que deu errado, teve um outro sistema que a gente inventou que deu certo, que foi revolucionário”. Ou como que eles passaram a tratar determinadas matérias-primas. E aí você vai tentando ver aquilo que te interessa e que você será capaz de fazer na sua fábrica. A gente não tem fábrica própria, a gente é “cigano”, né? Então, o que é o “cigano”? “Cigano” é o cara que produz cerveja em qualquer outro local. Então, eu firmo uma parceria, produzo cerveja com a Invicta, produzo cerveja com a Cervejaria Velvet, aqui em Rio Preto, mas se me chamar e propor: “Vamos fazer uma cerveja juntos, lá na outra cervejaria?”, eu falo: “Vamos fazer uma cerveja junto!” Então, é uma celebração, antes de qualquer coisa, né? Então, você tenta tratar isso de uma forma mais comercial porque, dependendo do volume... uma coisa é você produzir duzentos litros e falar: “Ó, fica cem pra você e cem pra mim e aí eu vou tomar com meus sócios, ou com os funcionários, ou num aniversário, qualquer coisa assim, né?”. Mas quando você está produzindo mil litros, dois mil litros, cinco mil litros, aí a brincadeira muda, né? Aí você tem que pensar que isso terá que ser vendido, né? Então, a preocupação é muito maior.

(01:45:27) P2 – Alexandre, é...

(01:45:28) P1 – E você...

(01:45:29) P2 – Deixa eu pegar um gancho, aqui, Lu. Esse lugar que você teve da Alemanha, Baviera, Munique, eu tive a felicidade de conhecer, também. E lá tem muito forte a parte dos embutidos, dos frios. Principalmente das carnes. Você trouxe alguma influência desse outro lado? Porque, junto com a cerveja, tem sempre aquelas feiras de frios, né?

R1 – É, é uma coisa que a gente ainda precisa de produtores de melhor qualidade aqui no Brasil, né? Não que nós não tenhamos, pelo amor de Deus, mas a gente tem em pequena quantidade, né? Então, você tem alguns lugares que a gente até poderia... até aqui em Rio Preto, do lado de Rio Preto, você tem a Salamanca, que tem produtos aí de “jamón” ou de embutidos espanhóis, que são muito legais, né? Eu sempre gostei bastante. Eu tenho uma fraqueza, assim, né? Não sei se os italianos da minha família, todo o mundo sempre com salame, com luganega, com... então, eu ia pro sítio do... a chácara da minha família, meus tios resolviam matar um porco, então você via aquela coisa de: “Olha, vai matar, mas já vai produzir linguiça desse jeito, embutido de não sei que jeito, tacho de banha, tacho de não sei o que, separa isso, aquilo”. Então, desde criança você vai vendo essas coisas e você vai entendendo, né, um pouco melhor, isso. Na Alemanha isso é muito comum, né? Você chega lá na... provavelmente, se você foi em Munique, você deve ter ido na Hofbräuhaus, né, que é aquela cervejaria estatal, que você tem do lado da prefeitura... passa... eles vendem dez mil litros de chopp por dia, ali, sabe? É um lugar que tem mil e seiscentas cadeiras.

(01:47:12) P2 – Alexandre, a água é mais cara que a cerveja, né?

R1 – De propósito. Eles falam, o garçom fala: “É de propósito, não é pra vir tomar água aqui, não”. (risos) Eles falam que é de propósito. Eu já perguntei: “É de propósito?” “É de propósito. Não é pra vir tomar água aqui, não”. Tá? (risos) E ali, realmente, ali você vai comer joelho de porco, você vai comer Kasseler, você vai comer Weisswurst, né, que é a cerveja... a linguiça branca, que é de vitelo, que é típica da Baviera, né? Com aquela mostarda agri-doce e tal. Você fala: “Cara, é muito a assinatura deles”. Mas aqui a gente ainda carece, né, porque se você tiver que produzir tudo, se você tiver que desenvolver tudo, é mais difícil, é mais complicado, vamos colocar assim. Mas no sul, em Santa Catarina tem bastante, né? Em Santa Catarina, se você for pra região de Blumenau, né, que é uma região bastante cervejeira, não só por conta da Oktoberfest brasileira, mas por conta de toda a colônia alemã ali em Blumenau, Pomerode, né, os eventos cervejeiros que eles fazem, então você já tem um número de embutidos que é maior, ou que é mais representativo, quando você vai naquela região.

(01:48:27) P1 – Ô, Zanin, e quanto ao público? O público do Vila Dionísio, ele é diferente em Rio Preto e em Ribeirão? E, pra gostar dessa qualidade que você acabou de explicar detalhadamente, né, é um público de maior poder aquisitivo, a gente poderia dizer?

R1 – Eu não sei. Na verdade, assim, né: Ribeirão Preto, ela é uma cidade que ela é cinquenta por cento maior do que Rio Preto, né? Pelos dados oficiais do IBGE, Rio Preto tem quatrocentos e setenta mil habitantes e Ribeirão está com setecentos e quarenta. É cinquenta por cento, né, cara, assim, né? Então, você tem uma parcela maior de pessoas de todas as classes sociais, né? Então, se você tem um volume... uma proporção maior de pessoas de classe mais alta, você pode ter mais gente desse tipo frequentando o seu estabelecimento. Mas, na verdade, o que acontece, é que assim, eu vou falar uma coisa aqui, né, então espero ser bem compreendido pelo público das duas cidades: O Vila Dionísio de Rio Preto é mais “pub”, mesmo. Ele é aquela casa que foi adaptada para ser um restaurante, uma cervejaria, uma casa, né, de “pub”, da origem da palavra “pub”, mesmo. O Vila Ribeirão já foi projetado conhecendo os vários problemas que a gente tinha no Vila de Rio Preto. Então, a gente pegou um lugar que era um antigo buffê, são dois terrenos, então a gente deixou praticamente oitenta por cento de um deles que virou infraestrutura, o resto

é público. Então, ele já foi melhor projetado e aí, além de tudo, acabou ficando mais sofisticado. Não dava pra ir pra Ribeirão e fazer algo menos do que Rio Preto, o público seria muito mais exigente, por tudo aquilo que já tinha em Ribeirão, né? E, já que é pra ir, vamos, né, com força. E aí, o que acontece? Em Rio Preto, eu tenho um público mais jovem. Eu tenho um público que, em geral, é dos vinte e alguma coisa... de vinte a vinte e cinco, no começo, até quarenta anos. Ok? Em Ribeirão, começa nos trinta. Tem noite que eu chego em Ribeirão, eu sou... eu tenho quarenta em cinco, tem noite que eu chego em Ribeirão, que mais da metade do público é mais velho que eu, algo que é raro em Rio Preto, né? Então, não sei se é só uma questão de classe social. Mas tem uma questão de faixa etária. O público de Ribeirão é, em geral, uns dez a quinze anos mais velho, em média, do que o público de Rio Preto, né? Então, tem essa questão. E como o bar ficou mais sofisticado lá, acabou também... por exemplo: eu e meus sócios, a gente vai no bar de bermuda e tênis, né? Então, ó, vou... mas em Ribeirão, somos só nós que estamos de bermuda e tênis. (risos) São raros os clientes que vão lá e se sentem à vontade. A gente até vai, para que os outros fiquem à vontade: "Gente, é um pub! Você não está indo na formatura, no casamento de alguém, pelo amor de Deus! É pra se sentir o mais à vontade possível!" Mas é aquela coisa cultural, também, de que é uma coisa que foi sendo construída em cada cidade, né, que no começo tinha... não, porque chegava... e aquela coisa, né, quanto mais chega o pessoal arrumado, mais tem gente que quer se arrumar mais do que o outro. Eu me sinto super à vontade em qualquer lugar com a minha bermuda e com a minha camiseta, só não vou dar aula com elas, porque a escola não permite, né? (risos) Mas assim, ó, é algo que é muito do interior. A gente vive em cidades que são muito quentes, né, cara. Você pega agosto e setembro aqui em Rio Preto, as cidades fazem quarenta graus, sabe? E é seco, né? A umidade do ar abaixo de quinze, sabe?. Pelo amor de Deus, você ficar só, o tempo todo, andando, né, "formalção", aí... pra gente, que... pô, nós somos do setor de gastronomia, entretenimento, né? Não dá pra ficar tão sério assim, né? A gente quer... quer pregar uma coisa mais à vontade, mesmo. Mais despojada, mesmo. Quero que você entra no bar e fala: "Ó, tô praticamente na minha casa. Tô na minha segunda casa, né?"

(01:52:56) P1 – Sim. Ô, Zanin, e como é que foi tudo isso, essa vida, o desenvolvimento da sua marca, da sua vida no Vila Dionísio, com relação à sua esposa? Você conheceu sua esposa de que maneira e como que ela viu isso? Porque tem mulher que não gosta, né, que o marido tenha um bar.

R1 – É, na verdade, é uma história muito curiosa, a minha e da minha esposa, né? Você lembra que eu te falei... olha que curioso! A minha esposa foi minha aluna no cursinho. Depois que ela entrou na faculdade, ela estava no segundo semestre da faculdade, aí a gente começou a ficar junto, a gente começou a ficar de namorico, vamos colocar assim, né? Depois é que a coisa foi ficar mais séria. E isso, se eu não me engano, foi em 2002. É, de 2001 para 2002. Até 2001 ela foi minha aluna e em 2002 a gente começou com esse namoro. Em 2002 eu estava na Alemanha e eu estava tentando avisar os meus pais... na época, os celulares não tinham essa facilidade que se tem hoje, né? E eu recebi a informação da faculdade que eu estava, lá, que é a Universidade Técnica de Munique, né, que eu ia ficar cinco dias nos Alpes, fazendo uma análise de emissão de poluente carbônico, que era um projeto para avaliar o aquecimento global naquela região. E era um local que eu já tinha ido e ficado um dia. Não tinha sinal de celular, não tinha telefone fixo. É uma cabaninha muito simples, do lado de um riacho ali, de um riozinho que corria, assim, né, que era utilizado pra gente lavar o rosto, escovar o dente, junta a água no balde, vai pro banheiro, toma banho, parecia... você fala: "Pô, a gente pensa nos Alpes como uma coisa sofisticada, né?" Mas é muito simples. É no meio da floresta, ali na montanha. E aí eu tive... eu liguei na minha casa várias vezes, várias vezes. Minha mãe nessa época não usava e-mail, né, não usava nada. E aí eu fui ligar pra Luciana, que é minha esposa. Na época ela era minha namorada, né? E eu falei assim: "Amor, você precisa avisar minha mãe que eu vou pros Alpes e vou ficar cinco dias sem comunicação, né?"

(01:55:25) P1 – Sim

R1 – "E eu vou voltar..." - sei lá, eu ia na quarta-feira e ia voltar na segunda-feira – "mas que está tudo bem, se acontecer qualquer coisa, já deixei avisado, tem outros brasileiros aqui que, se acontecer qualquer coisa, vão avisar vocês, né? Não vai acontecer nada, é um lugar tranquilo, é seguro. Mas é um grupo aqui que nós vamos lá fazer essa pesquisa". Aí ela falou: "Tá bom". E ela era muito tímida e ela nunca tinha conversado com a minha mãe, porque a gente estava no começo de ficar junto, né? E ela falou: "Ai, meu Deus, vou ter que ligar pra mãe do Alexandre, pra avisar ela quem sou eu, primeiro (risos) e pra avisar que ele vai ficar incomunicável". Imagina, alguém, né? Uma pessoa quase que estranha, ligando pra falar, né? E aí ela comentou com a mãe dela. Ela falou assim, ó: "Ai, mãe, tenho que ligar pra mãe do Alexandre. E eles não estão aí, né. Eles foram pra Poloni, pra chácara deles e ele está precisando dar um recado pra família, que ele vai ficar cinco dias incomunicável". E a mãe dela falou: "Ah, mas eu... Poloni? Como é que é o nome da mãe dele?" Ela falou: "Ah, Marina". Ela falou: "Ah, não deve ser a mesma, né? E o do pai?" "Ah, Luisinho, Luís". Falou: "Ah, não deve ser o mesmo. Não é possível. Luís e Marina, de Poloni? Quantos anos tem o Alexandre?" Aí falou a minha idade: "Ah! Não acredito". A mãe dela era vizinha de muro da minha mãe quando eles mudaram de Poloni pra cá. Quando eles mudaram de Poloni pra Rio Preto. (risos) A mãe dela é uns quatro ou cinco anos mais nova que a minha mãe. Então, quando a minha mãe estava grávida de mim, com vinte e um anos, a mãe dela tinha uns dezesseis, dezessete. E meu pai ia trabalhar no Banco, a minha mãe estava grávida, ficava em casa, ajeitando a casa, a vizinha vinha, pra conversar com ela. Essa vizinha é a mãe da minha esposa. (risos) Que a gente só descobriu nesse momento e quase trinta anos depois, né? Então, dessas curiosidades, dessas casualidades, assim, né? Então, quando ela me conheceu...

(01:57:20) P1 – Sim

R1 – ... eu já era professor, ela... né...eu já fazia eventos, aí a gente abriu o bar, né? O primeiro bar, o Vila aqui de Rio Preto. Acabamos nos separando, num determinado momento. Não especificamente por conta do bar, né, mas ela estava numa época de faculdade, eu estava também numa época em que o bar estava aberto, então aquela coisa de que as sintonias estavam um pouco diferentes. Mas depois ela se formou e aí, quando eu estava abrindo o bar de Ribeirão, a gente estava casando e estava tendo... e fomos ter o primeiro filho. Então, o ano de 2008 é muito marcante pra gente. Em 2007 a gente passou a morar juntos, 2008 a gente casou, 2008 a gente abriu o bar de Ribeirão, no final de 2008 nasce a Rebeca, que é minha primeira filha. Eu tenho duas filhas, a Rebeca tem doze anos e a Helena está pra fazer nove anos agora. Então, aí... e depois, vamos lembrar que em 2016 a gente abriu nosso terceiro bar, né? Não é o Vila Dionísio, é um "botecão" mais restaurante, assim, que se chama "Chico Barrigudo", está pra fazer cinco anos. De comida brasileira, a gente fez questão de usar o... tudo, tudo, tudo é em português, tudo é brasileiro, tudo é do interior, né, então, olha, as receitas que a gente desenvolveu, os pratos que a gente desenvolveu, a proposta dele é ser totalmente... bem diferente do Vila, vamos colocar assim, né? Você chega ali, vai tocar só MPB e samba, né, porque eu gosto muito de samba. As pessoas acham que eu sou só rockeiro, eu sou apaixonado por samba. Eu gosto demais de samba, né? Então, o Chico tem a ver com o público do Vila que amadureceu, que ficou... que passou dos quarenta, cinquenta anos e teve filho, não consegue mais ir pro Vila, não consegue mais curtir outras coisas, mas quer tomar as cervejas que tem no Vila, quer comer a famosa coxinha do Vila, quer comer outras coisas do Vila, que a gente acabou levando pro Chico também, num ambiente que é muito mais descontraído, muito mais informal, vamos colocar assim.

(01:59:28) P1 – Sim. Legal. Ô Zanin, e quanto à pandemia, né? Como é que foi o choque e depois o que vocês fizeram pra conseguir passar por

isso? Estamos passando, né?

R1 – Olha, o problema não é só a pandemia. Lógico que a pandemia, hoje, é o pior de todos os problemas. Mas vamos colocar o seguinte, tá bom? O Brasil vive um momento muito, muito triste nesses últimos dez anos. A gente chamava a década de oitenta de a “década perdida da economia brasileira”, porque foi o momento de menor crescimento econômico do nosso país. A década de 2010 é muito pior do que a década de oitenta. Né?

(02:00:20) P1 – Sim

R1 – Juntou uma crise econômica, agravada por uma crise política, do impeachment, que evoluiu para uma polarização desproporcional e a gente tem representantes de governo que só se sabotam. A gente meio que está sabotando o país o tempo inteiro, né? Então, sai um governo mais ligado à esquerda, entra outro governo mais ligado à direita, mas você vê que o país não decola, né? Você vê que a gente tem amarras, aí, que são muito marcantes. Então, a gente precisa, primeiro, resolver essa questão política, né, essa questão, pra que a gente possa se libertar disso, deixar isso para trás e falar: “Vamos caminhar juntos”, né? Lógico que alguns fatores internacionais foram piores, né, essa questão da... o crescimento dessas fake news, o crescimento dessa polarização também nos Estados Unidos, com o Trump. Então, a gente tem todo um cenário que nos influenciou de forma ainda pior. Mas, se você pegar a década de 2010, nós tivemos um crescimento que foi um crescimento... ou próximo de zero, né, se você pegar alguns anos... então, quer dizer: o setor de serviços, que é o nosso caso, o setor de entretenimento, dentro do setor de serviços, é um setor que vem tomando paulada há pelo menos cinco anos. Desde 2016, vamos colocar assim. Então, a gente já vinha numa curva de reduzir, reduzir, reduzir, reduzir tudo o que você precisar reduzir. Espreme ainda mais onde dá pra espremer, em termos de produto, em termos de... é que chega uma hora que você não pode perder a sua essência, né? Eu não posso deixar de trabalhar com a qualidade da matéria-prima que eu trabalho, né, seja das cervejas, seja do alimento, seja da ambientação, seja da qualidade do som. Então, né, você tem que manter aquilo como uma proposta pra você passar. E aí, na hora... a gente foi se adaptando, a gente voltou a fazer eventos, a gente não fazia eventos, fazia eventos extras há oito anos. E o ano de 2018 para 2019, a gente começou a fazer uma série de eventos em parceria como, por exemplo, o Iguatemi de Rio Preto, Ribeirão e até São Carlos. Então, a gente resolveu levar um mini festival cervejeiro, um mini festival de coxinhas, um mini festival, uma Oktoberfest pros estacionamento desses shoppings, pra nos ajudar, né, a custear esse momento de transição, vamos colocar assim, tá? O ano de 2020 era pra ser um ano absurdamente fantástico. Por quê? Porque quando você vai reduzir a estrutura de uma empresa, que você vai ter que cortar parte dos funcionários, ou você vai ter que fazer determinadas alterações, é um ano de gastos, né, porque você fazer acerto com qualquer pessoa que se desliga, demanda um gasto expressivo. Você fazer alguma mudança física, no ambiente seu, vai ter gasto com reforma, ou com troca de produto, qualquer coisa assim. O ano de 2020 era um ano em que a gente já tinha dois eventos marcados no Iguatemi de Ribeirão. Chegamos a fazer um Beer Fest, uma festa muito bonita, um final de semana no Iguatemi de Ribeirão, em março, uma semana antes de começar a pandemia, por volta do dia oito de março de 2020. A gente tinha três eventos marcados com o Iguatemi de Rio Preto. A gente tinha uma Oktoberfest marcada num local aqui em Rio Preto que eu não posso divulgar por enquanto, porque ainda... é em parceria e corre em sigilo, porque ainda não aconteceu, então você me desculpa...

(02:03:57) P1 – Claro.

R1 – Mas deve acontecer assim que acabar a pandemia. Então, por contrato, não pode divulgar. Mas aí, então, era um ano de seis, sete eventos muito bons, onde os bares estariam funcionando de uma forma mais enxuta, então era um ano de recuperação econômica incrível pra nós. E havia a expectativa de que toda a mudança de governo pudesse, de alguma forma, levar a uma retomada de crescimento econômico. Eu falei: “Bom, a gente se preparou, a gente fez as mudanças, né? Tem mudança de cenário de... bom, não tem como dar errado, né? O que que poderia acontecer, pra dar errado?” Uma pandemia.

(02:04:38) P1 – Uma pandemia. (risos)

R1 – E aí, é algo que é inimaginável, assim, né, porque não tinha como prever, não tinha como a gente... você assistia filme sobre epidemias, né, eu lembro de “Epidemia” que, se eu não me engano, é com o Dustin Hoffman, né? Ou “Contágio”. E você fala: “Cara, nossa, que exagero! Nossa!” ou como a gente fala aqui no interior: “Ah, que ‘paia’, né? Que coisa mais absurda, né? Que coisa, mas né, ahhhh... Acha que alguém se comportaria assim? Acha que alguém iria negar a vacina? Só em filme, mesmo, né?” (risos) E na hora que a gente vê um cenário desse, com esse volume de negacionistas, né, com essa pandemia se distribuindo desse jeito... e aí junta uma loucura atrás da outra, porque o governo federal não comprou a vacina do jeito que tinha que comprar. O governo estadual resolveu pegar no pé dos bares e restaurantes, proibindo a abertura mínima deles, né? Não saiu verba de lugar nenhum. Essas verbas que fala: “Ah, foram destinados tantos bilhões para o setor de serviços”, não chega para bar e restaurante. Bar e restaurante não têm acesso. Não chega. Porque o gerente do Banco, lá, do Itaú, do Santander, da Caixa, do Banco do Brasil, pra citar os Bancos privados... os Bancos públicos, né, olham pra você e falam: “O que você tem?” “Olha, eu tenho um restaurante” “Pra restaurante, nós não estamos fazendo. A gente está fazendo pra confecção, a gente está fazendo pra padaria, a gente está fazendo pra farmácia, a gente tá fazendo... a gente tem linha de crédito pra tudo quanto é lugar, mas restaurante, o risco é muito alto”. Eu falo: “Mas é pra salvar quem, então? Quem não precisa? Porque a farmácia não vendeu menos. O supermercado não vendeu menos. Quem vendeu menos fomos nós. Quem está faturando de uma forma...”, né? Se você pegar: “Olha, teve quarentena em Portugal?” Teve, quase dois meses. Acabou agora, recente. “Teve quarentena em Londres?” Teve, duas vezes! “Teve quarentena na Alemanha?” Teve. Toda vez que fechou, o que o governo garantiu? Pagamento do salário dos funcionários e uma verba mínima, para que o dono do estabelecimento quitasse a energia elétrica, o aluguel. E sobrava, ali, sei lá, mil euros pro cara. “Ó, você não está faturando agora. Não é pra você progredir. Não, é só pra passar o tumulto”. Aqui, nós não tivemos praticamente nada. Praticamente nada. Mesmo a ajuda que foi dada com relação ao pagamento do salário de funcionários, nem todo o mundo conseguiu pegar de forma integral, pegou de forma proporcional. Ainda cria um vínculo do tipo: “Olha, você pegou isso por seis meses, você tem que manter o cara mais seis meses” “Cara, e se depois de seis meses eu tô quebrado, como é que eu tenho que pagar esses seis meses daqui pra frente?” Todo... não faz sentido. Então... E outra, né, quem trabalha com entretenimento, trabalha com serviço. Não dá pra você, simplesmente... as pessoas entravam no bar pra consumir produto, pagavam uma portaria, essa portaria ajudava a pagar a banda, o técnico de som, os seguranças. Em Ribeirão, tinha manobrista. Então, é, tipo... é um dinheiro que circulava ali, que você não vê. Que você fala: “Cara”. E outra: por que que a pessoa... quem vai comprar cerveja, vai comprar no mercado, que é mais barato, né? A não ser que você tenha um produto, que a gente... a gente tem produtos que são exclusivos, então essa é uma vantagem pra nós. Mas, mesmo assim, no melhor momento do delivery, no melhor momento do delivery, ele representou quinze por cento do nosso faturamento original. Quer dizer: nós tivemos, no melhor momento, uma queda de oitenta e cinco por cento no faturamento. E não é uma queda de oitenta e cinco por cento dos gastos. A folha de funcionários, que representa um terço, quarenta por cento do que a gente gasta, está lá em cima. Graças a Deus a gente teve bons parceiros, como os donos dos imóveis, né, que os nossos imóveis são locados e eles compreenderam isso, reduziram sensivelmente, isso.

Teve dois meses que chegaram a não cobrar, foi algo... a gente tem muita gratidão por eles, porque eles sabem, também, o cliente que nós somos, né? Imagina! Quase dezoito anos em Rio Preto, mais de treze anos em Ribeirão, né? Então, essa história não foi construída do dia pra noite, né? E estamos sempre na expectativa de poder voltar. Estamos sempre na expectativa de poder funcionar, né? Então, a pandemia foi muito, muito, muito ruim pra quem trabalha não só com o setor gastronômico, mas especialmente com o setor de entretenimento. Pra quem vende show, de música, de teatro, de stand-up, de qualquer coisa nesse sentido. Eu vejo os artistas que são aqui da minha cidade, que são da região, né, têm dificuldades terríveis, terríveis. Porque, além de tudo, não conseguiram nem acesso a bolsa de nada, a verba de nada, né? Os poucos que conseguiram algum projeto aprovado na lei Aldir Blanc, que foram poucos, mesmo, ainda reclamam das dificuldades pra colocar isso em prática, ou pra ter acesso: "Ó, beleza, aquilo durou um mês, dois meses, eu faço o que o resto do ano?" Faz catorze anos... catorze meses que nós estamos na pandemia, né?

(02:09:43) P1 – Sim, sim

R1 – Casas como o Vila Dionísio estão fechadas. Dos catorze meses, a gente funcionou três meses. Nós ficamos, aí, onze meses completamente fechados, só com o delivery. É muito difícil, é muita vontade de sobreviver, né? Isso teve um impacto financeiro gigantesco, né, atrasa o pagamento de imposto, joga pra frente, a gente... vamos esperar o próximo Refis, né, o próximo refinanciamento. O que a gente puder movimentar, vamos pagar os principais fornecedores e os funcionários, esses a gente não pode deixar na mão de forma alguma, né, porque são os maiores parceiros de todos, né?

(02:10:26) P1 – Sim, sim

R1 – E vai aumentando o grau de endividamento, né, cara. A gente vai ter que ver o que nós vamos fazer com isso lá na frente, em quantas vezes isso vai ser parcelado, em quantas vezes... mas é aquela situação... chega numa situação em que os donos de bares e restaurantes, eles viraram reféns da pandemia. Porque não dá nem para dar um passo pra trás. Não dá pra falar: "Vou fechar". Você não consegue mais fechar. A gente faz parte, né, hoje eu sou representante da Associação de Bares e Restaurantes de Rio Preto. O Ronaldo, que é um dos meus sócios, ele é membro do Sindicato de Hotéis, Bares e Restaurantes de Rio Preto. E o Rogério, que é outro sócio nosso, lá em Ribeirão, é membro da Abrasel, Associação Brasileira de Bares e Restaurantes. Então, a gente teve até que se envolver com as questões ligadas a associações, ligadas a essas questões, porque a gente precisava entender como que a gente poderia, de alguma forma, cobrar do poder público, primeiro: "Né, olha, em que momento a gente pode abrir? Será que não dá... por que às oito horas da noite o vírus vai embora, né? Cara, como assim, né?" Eu entendo que a gente tem que ter toda essa preocupação, mas a preocupação se chama 'distanciamento'. Se chama 'máscara'. Se chama 'álcool em gel', né? Mas você proibir que os restaurantes funcionem depois das oito horas da noite? Não faz qualquer sentido, você me desculpe. Olha, toda... A sociedade inteira desenvolveu suas atividades das seis horas da manhã até às oito horas da noite. Na hora que chega pros restaurantes desenvolverem... poxa, ninguém está pedindo pra funcionar até às quatro horas da madrugada. Entendeu? A gente sabe o momento em que a gente está vivendo. Mas era uma obrigação deixar a gente funcionar. Qual que é o horário? As pessoas saem do trabalho às seis, seis e meia, elas vão pra casa, tomam um banho e elas vão para o restaurante às oito horas da noite. Elas vão sair do restaurante dez e meia, onze horas. Esse é o comum. Então, deixa funcionar até às onze horas. Pronto. Entendeu? Exija que se cumpra o distanciamento, né? Esse monte de fiscal que está andando pra lá e pra cá, ótimo. Mas tem que funcionar até às onze, irmão. Quanto mais... O que mais a gente sempre percebeu é que quanto mais se proibiu as atividades regulares, os comerciantes regulares de funcionarem, mais se estimulou a atividade clandestina. Mais se estimulou a festa clandestina. E não precisa ser só a festa de trezentas pessoas numa chácara, não. Eu tô falando de pessoas que, às vezes, só iriam num restaurante jantar, tomar um choppinho e ir pra casa, mas que resolveram chamar três, quatro casais de amigos pra ir para a sua casa, para a sua chácara e aí você propaga muito mais o vírus, porque aí, chega uma hora: "Ah, não precisa ficar de máscara, ah, não precisa de...". É nesse local que você tá propagando, né? É nesse local. A gente precisa entender que os lugares que funcionam... os restaurantes que estão funcionando aí têm um nome a zelar. Eles têm um patrimônio a zelar. Eles têm uma história. Eles estão muito preocupados em ficar abertos, né? Fechar os restaurantes, como foi fechado no estado de São Paulo, porque você pode ver que outros estados estão numa situação, às vezes, até um pouco mais crítica do que o estado de São Paulo, mas os restaurantes estão abertos. No Rio Grande do Sul os restaurantes estão abertos, no Rio de Janeiro os restaurantes estão abertos, no Paraná, no Mato Grosso do Sul, em Salvador, né? Então, criou-se, no início da pandemia, né, um vilão, como se fosse o setor de entretenimento, o setor de eventos, o setor gastronômico. E, do meio pra frente perceberam que não era, obviamente não era, mas politicamente parece que o governo do estado ficou amarrado e não conseguia, né, dar um passo pra trás e admitir a culpa de que eles estavam errados e que precisavam tratar isso de outra forma, né? Mas a gente precisa ver. A pandemia ainda não acabou e a gente precisa responsabilizar esses personagens, por tudo aquilo que aconteceu.

(02:14:18) P1 – Sim. Porque uma vez que qualquer governo manda cessar uma atividade comercial, ele tem que garantir o prejuízo, né?

R1 – Exatamente, né? Como é que eu forço? Isso que aconteceu... Eu estava falando a respeito lá de Portugal, de Londres e tal, mas você garantir uma renda mínima. Como é que eu obrigo você a ficar fechado, eu obrigo você a continuar pagando aluguel, impostos, salários, encargos trabalhistas... Se você não está podendo, se eu estou te proibindo a desenvolver sua atividade? Isso é um assalto, com todo respeito.

P1 – Sim.

R1 - Isso é um assalto. Esse endividamento não deveria existir. Essa cobrança não deveria existir, se você não permitiu que eu funcionasse.

(02:15:08) P1 – Sim, sim

R1 – Então, é absurdo o que foi feito com o setor gastronômico no estado de São Paulo durante a pandemia.

(02:15:15) P1 – Sim. Ô, Zanin, a gente já está chegando no final. É que está muito bom o papo, por isso que ele vai longe, né? Mas eu gostaria de saber um pouquinho sobre propaganda. Você investe muito em propaganda ou não precisa, o seu bar se vende sozinho?

R1 – Olha, "não precisa" seria muita arrogância, vamos colocar assim. Eu acho que a gente desenvolveu estratégias que foram muito interessantes. Nós não somos um estabelecimento que, primeiro, pelo tamanho e, segundo, pela proposta, não faz parte da nossa estratégia colocar um anúncio no jornal, no principal jornal na cidade, ou na TV, ou em revistas de setores sociais, aí, distintos, né? Eu acho que é muito caro pra você não atingir exatamente o seu público, né? Olha, o meu público é cervejeiro? O meu público é um público que sai à noite? Meu público é um público que gosta de música ao vivo, que gosta de rock? Eu tenho que investir nesse setor. Não adianta eu fazer um anúncio num programa que não tem nada a ver. Então, o que que geralmente... o que que a gente sempre fez? Em primeiro lugar, a gente sabia que a gente tinha um público muito específico. E a gente sabe que, também, pro setor de bar, de restaurante, tem algo fundamental, que é a indicação de um amigo, né? "Cara, você já foi naquele lugar? Cara, você já comeu aquele prato? Você já experimentou a sobremesa daquele outro lugar? Você já comeu o bolinho de não sei o que, né, de não sei onde e tal, né?" A gente acha que isso é muito, muito válido. Então, a gente sempre... uma coisa que a gente sempre buscou foi desenvolver uma padronização de bons produtos, de bons petiscos. Então, você pode... qualquer... a gente tem

os dois Vila Dionísio, né, a gente tem o Chico Barrigudo, a gente tem os “trucks” nossos, né, alguns até em cidades... a gente tem truck do Vila em Bauru, em Londrina, em Goiânia... a coxinha é a mesma. A coxinha é a mesma, por exemplo, né e ela tem que ser com catupiry. Não adianta fazer com requeijão, que não é a mesma coisa, não é o mesmo gosto, não tem... Então, aquelas coisas que falam assim: “Ah, o catupiry tá o dobro do outro requeijão”. Fazer o quê? A nossa é com catupiry, não é com requeijão. Então, você ter essa consciência de que você precisa investir nisso, já é algo muito interessante. Então, não adianta eu oferecer uma cerveja só porque é mais barata, ou um chopp só porque, ó: eu acredito que a imensa maioria dos clientes enxergam isso, né? Eles passaram a enxergar. Eles, na verdade, ficaram mais chatos, não com a gente, com os outros, inclusive, por conta desse padrão que a gente criou, de que: “Olha, o produto tem que estar...” Tanto que o sujeito pede algo e fala: “Que isso? Eu já pedi isso trinta vezes no Vila e não é assim”. Então, se eu tenho algum problema na cozinha com equipamento, ou algum funcionário novo que está em teste, que fez algo diferente, o próprio cliente fala: “Não. Não é assim. Não é assim, eu sei. Eu venho aqui faz dez anos”. Então, isso foi algo muito interessante. E, com as redes sociais, isso facilitou bastante a gente, né? Porque você trabalhar com imagem, né, você fazer o impulsionamento de imagens em redes sociais, né? Então, se dá onze horas da manhã e eu impulsiono a imagem de um prato, eu deixo todo o mundo que está na hora do almoço maluco pra querer comer aquilo, né? Então, quatro horas da tarde eu faço um impulsionamento de um chopp sendo tirado na hora, o cara fala: “Que horas que eu vou sair do serviço, pra ir tomar esse chopp?” Então, a gente procura fazer algo mais direto nesse sentido, ou fazer campanhas direto com os próprios clientes: “Você que já veio aqui tantas vezes, esse dia vai ter isso pra você, esse dia vai ter aquilo pra você”. E isso é o marketing que funciona bem, sem que eu precise... e tem algo que é a longevidade da coisa, né? Tem coisa que não adianta você partir pra... você imagina, a gente chegou... teve um ano em Ribeirão e em Rio Preto também, né, vamos colocar assim, que a gente chegou a registrar mais de cinquenta mil CPFs, num ano, diferentes, que passaram pelo bar. Ribeirão chegou a oitenta mil CPFs diferentes num ano. Cara, oitenta mil pessoas passaram pelo seu bar. É muita gente que foi pra lá. Tem gente que às vezes não gosta da música, mas foi, porque o aniversariante gostava e falou: “Vai ser no Vila e vocês vão ter que ir no Vila. Eu já fui em dez baladas sertanejas com vocês, agora vocês vão no Vila comigo”. E a gente tem algumas estratégias, do tipo: tem dia que eu tenho um Metallica Cover, que é um som mais... né? Nem é dos mais pesados, mas, para quem não é do rock, acha superpesado. Mas eu tenho aqueles dias de super “pop”, né? De violão e voz e com uma bateria, ali, de acompanhamento, que vai tocar... como é que é o nome do rapaz, lá? Um Vitor Kley, que vai tocar as coisas mais... vai tocar um Jack Johnson da vida, vai tocar, né? Hoje em dia, a música mudou muito, né? Então, quem tem mais de trinta anos teve CD, né? Quem tem mais de quarenta teve LP. Mas quem tem por volta de vinte anos provavelmente nunca teve nada disso, né? E já foi criado na música digital, né? E aí, por um lado, ganha, porque você tem acesso mais fácil a vários artistas com diferentes músicas, diferentes hits, diferentes... sem ter que gastar tanto, né? Como era caro comprar um disco pra mim, como era caro comprar um CD pra mim, né? Eu ficava esperando a hora que dava, quando eu juntava uma grana e tal, né? Hoje é muito mais fácil o acesso. Mas, por outro lado, você perde a mágica de conhecer um artista, né? De você comprar... pegar um disco e falar: “Cara, eu vou ouvir esse disco inteiro, né? Vou ouvir música por música, né? Vou... eu vou... é... A obra de arte”. Então é... E isso enfraqueceu gravadora, enfraqueceu bandas, né? A gente tem várias conversas, né, quais são as últimas bandas expressivas do rock, né, nacional e internacional. E são de rock, mesmo? O Chorão é o último líder de rock nacional? Então, o que acontece depois dele? Não acontece, né? Então... Coldplay é rock? Então, sabe aquelas coisas que a gente entra nessa discussão? E a gente foi ficando mais “pop”. Não teve como. A gente teve que ficar mais pop, né, para sobreviver. Continuo sendo o chato que não deixa tocar música sertaneja, nem funk, né? Permito que toca pop, permito que tenha, né, um intervalo, lá, que possa... tem até dia que eu coloco um DJ ali, pra colocar uma coisa mais dançante, assim, né? Mas a gente sente falta. O próprio setor, o rock, eu estava falando das bandas, no começo. Essa dificuldade que você tem, de criar, do artista entender que ele pode ser mais, né? E eu ouço isso com os donos de rádio, aqui de Rio Preto. O pessoal que é dono de rádio aqui de Rio Preto fala assim: “Cara, se eu mandar uma mensagem pro produtor do Luan Santana ou pro produtor, sei lá, do Zezé Di Camargo, falando assim: ‘Faz uma chamada aí: ‘Aqui é Luan Santana e eu estou aqui na rádio tal, curtindo com vocês’, o cara me manda no dia seguinte e não me cobra nada. Eu peço isso pra uma banda de rock aqui do Brasil que não faz show faz três meses e o cara fala: ‘Qual que é o cachê?’ Então, assim... (risos) a galera do rock tem que entender que eles não estão em Londres, eles não estão nos Estados Unidos, eles têm que pôr o pezinho mais no chão, assim... tem que ir pra luta, tem que ir pra batalha do dia a dia, tem que ir pro chão da fábrica, poxa vida, né? Então, eu acho que, nesse sentido, a gente foi... a gente tem mais dificuldade do que outras casas, onde a variedade de artistas tem uma maior boa vontade, vamos colocar assim.

(02:23:27) P1 – Ô, Zanin, pra terminar... assim, terminar, não, mas geralmente é minha última pergunta: seus sonhos para o futuro. Você tem ideia? Muitos comerciantes que a gente entrevista querem abrir em outras cidades, em mais cidades. Fazer franquias. Abrir em outro bairro daí, não sei. Quais são seus sonhos? Ou se não for. Se tiver outro sonho.

R1 – Não, não, não, não. Na verdade, é o seguinte, né: o Vila Dionísio... a gente insistiu muito com a ideia dos dois Vilas. A gente queria enraizar muito a história em Rio Preto e Ribeirão. Quando a gente abriu em Ribeirão, em 2008, a gente estava se preparando para abrir em Campinas em 2011 ou 2012, tá? Mas a gente percebeu que a estrada Rio Preto e Ribeirão, toda semana, já era cansativo. Campinas, ia ficar mais nervoso ainda, né? E tem coisa que a gente tem que cuidar, a gente ainda não conseguiu delegar algumas questões. Não conseguimos encontrar as peças adequadas, né? E, ao mesmo tempo, na época, né, começamos a questionar algumas situações, veio uma crise, veio... falamos: “Não, vamos fortalecer aqui o cenário”. Depois veio a onda dos food trucks. A gente tem uns sete, oito trucks aí. Dois são nossos, seis são de franqueados. E muita gente procurou a gente pra comprar truck numa época mais... food truck é uma coisa que dá muito trabalho. Funciona muito bem, você consegue operar ele em duas pessoas, geralmente dois irmãos, ou um casal, ou dois amigos, né? E você leva isso pra tudo quanto é evento, você leva isso pra tudo quanto é lugar, ou fica paradinho num canto da cidade, vendendo o produto, né? A gente fez muitos estudos. A gente operou o nosso, sozinhos, dois anos, pra falar: “Dá certo e é desse jeito”.

(02:25:24) P1 – Sim

R1 – Mas aí veio a pandemia e os trucks sofreram, porque não tem mais evento também. Não tem mais nada pra funcionar. Tá? E havia uma expectativa da gente abrir uma loja física. Um “mini-Vila”, vamos colocar assim, tá. Para ser colocado em shoppings, galerias, para ser colocado em vários locais. A gente inaugurou a primeira faz vinte dias, num “mall”, um minishopping que você tem aqui, entre condomínios, em Rio Preto. Então, é um lugar para sessenta pessoas sentadas, né, com quatro, cinco chopps do Vila, com todos os produtos do Vila, uma ambientação do Vila Dionísio, né? E faz vinte dias que a gente inaugurou, a gente já vendeu mais duas franquias desse modelo e a gente tem mais vinte pessoas que estão analisando. Não significa que vão virar compradores, mas a gente percebeu que, mesmo agora - a gente está no momento de meio... a gente acredita que está num momento de meio pra final da pandemia, né - que vai ter muita gente interessada em preencher o espaço desses restaurantes que ficaram pelo caminho, né e que não sobreviveram.

(02:26:35) P2 – Hum hum.

R1 – E como loja física, é mais fácil. Então, a gente encontrou, por exemplo, um investidor, que é um sujeito que tinha três, quatro lojas diferentes, no setor de gastronomia, de alimentação, em praças de alimentação de vários shoppings do interior de São Paulo e ele já falou: “Olha, eu vou comprar uma loja agora pra colocar aqui, mas a minha intenção é comprar dez lojas, em dois anos”, né? Então, a gente caminha pra oferecer essa mini experiência de Vila, pelo menos do ponto de vista gastronômico e cervejeiro a pessoa vai ter né, mas não vai ter shows ali, porque obviamente não é essa a proposta, mas isso deve fortalecer ainda mais os Vilas, né, do tipo: “Olha, imagina que o sujeito é de, sei lá, Sorocaba, de Piracicaba, de Rio Claro, de Campinas, de São José dos Campos. Vai ter um “mini-Vila” lá, e falar: ó, mas você precisa conhecer como é que é os ‘Vilas’ originais, né, em Ribeirão e em Rio Preto, e tal”. Então, isso pode, inclusive, nos dar um pouco mais de fôlego e propagar a ideia, né, dos salgados, dos alimentos, dos petiscos e das cervejas que a gente vende. Então, isso pode ganhar uma escala mais interessante. Esse é o grande projeto hoje, pros próximos cinco anos, tá? E a gente acredita que tem um potencial muito grande para nos ajudar a sair de todo esse tormento que a gente se meteu, de crise econômica, crise política e pandemia. Então, é a nossa grande esperança, para que a gente possa sair desse cenário.

(02:28:00) P1 – Legal. Tem alguma coisa que você acha...

(02:28:02) P2 – Posso fazer aquela pergunta, Lu?

(02:28:05) P1 – Eu ia perguntar, antes, assim, se a gente esqueceu de perguntar alguma coisa que você gostaria de...

(02:28:09) P2 – Ah, é.

(02:28:11) P1 – Porque às vezes a gente faz um roteirinho, né e não fala tudo o que você gostaria de dizer.

R1 – (risos) Não, eu, na verdade, me senti super à vontade, né? Acabei colocando o Chico Barrigudo no meio do caminho, porque não sei se vocês tinham essa informação, se ia chegar até ele, se ia chegar até ele, né? Mas é um projeto que eu tenho, é um projeto que é muito legal e é um projeto que acabou desenvolvendo até... ajudou a gente ter essa maior diversidade de cervejas. Hoje, nós estamos produzindo dezesseis tipos de cervejas diferentes. E eu não faço cerveja Pilsen, né? Porque eu não quero entrar nessa briga de cerveja Pilsen de grandes cervejarias, aí. Então, a gente desenvolve uma série de estilos cervejeiros, aí. E a gente vai testando, também, isso, com o nosso público, né? Então, tem coisa que a gente faz numa escala menorzinha: “Deixa eu ver se o pessoal gosta disso, deixa eu ver se o pessoal gosta daquilo”, pra gente poder produzir numa escala maior e atingir um público além dos nossos bares, né, que é algo que pode ser bastante interessante, também. Mas eu acho que acabei enquadrando tudo. (risos) Eu não sei exatamente para onde mais vocês gostariam de caminhar, mas vocês viram que eu gosto de conversar, né? Imagina, professor e dono de bar. Eu vou ficar aqui o resto do dia conversando com vocês sem nenhum problema.

(02:29:28) P2 – (risos) A gente ficaria!

R1 – (risos) Eu vou ficar o resto do dia conversando com vocês, sem nenhum problema... vou pedir só, daqui a pouco, na hora que chegar no meio da tarde, eu vou falar: “Ó, agora deixa eu comprar uma cervejinha, vamos conversar”. (risos)

(02:29:40) P2 – (risos) A gente acompanha, a gente acompanha. Ó, Alexandre, mas tem uma pergunta que eu gosto de fazer perto do encerramento, que é assim você deve ter dado, já, mil entrevistas, jornalísticas, pra revista, jornal, essas coisas todas, né? Você é da área de publicidade, né, você fez especialização, tudo. Mas o que você achou de ter feito essa entrevista contando a sua trajetória, a sua perspectiva, a perspectiva do Vila Dionísio, do Chico Barrigudo também, para um museu, para deixar isso registrado pro futuro?

R1 – Olha, eu vou falar uma coisa e eu... assim, ó, de novo: vou pedir a boa-vontade de você entender o seguinte: que eu gosto bastante de falar a respeito da história dos bares, de falar da nossa trajetória como empresário. Eu sempre falo na segunda pessoa do plural, porque eu sempre vejo aqui do meu lado... eu tô falando com vocês, mas eu tô vendo meus outros três sócios aqui. A gente se enxerga muito como grupo. A gente tem essa coisa que é quase família, né? Que é muito bacana, né? Que é muito legal, que foi construída em quase trinta anos. Com muitos problemas, né? Porque, se no primeiro problema, alguém tivesse ido embora, já teria acabado, né? Mas eu sempre fico muito curioso, o que será feito com a entrevista que eu dou. (risos) Esses dias, eu até briguei com um jornalista, aqui, porque acho que foi a quinta vez que eles mandaram o cameraman e a repórter lá para fazer a entrevista a respeito de como estavam os bares e restaurantes durante a pandemia e eu paro tudo, vou lá, os recebo, fico meia hora, quarenta minutos conversando com eles, pra eles tirarem uma frase de quinze segundos completamente descontextualizada, né? E eu falei: “Gente, se vocês não querem conversar, não tem problema, né? Se vocês precisam de alguém só para ilustrar aí a reportagem que vocês estão fazendo. Mas o nosso setor está agonizando, aqui. O nosso setor está no momento mais crítico da história.

Numa pandemia que não existia há mais de cem anos. Uma situação sem ajuda, sem verba, sem socorro, sem nada e vocês resolvem colocar o que há de menos importante, né?” Então, eu tô falando isso, porque às vezes eu fico mais preocupado sobre o que vai ser filtrado a respeito de tudo isso, né? Eu sei que agora é algo completamente diferente de uma TV ou de uma rádio, que tem uma proposta comercial, né, que tem uma proposta muito mais de: “O que a gente quer mostrar desse setor”, né? Mas eu sempre fico preocupado... preocupado, não. Fico mais curioso com o resultado que vai ter lá na frente. E uma coisa que eu aprendi nesses vinte e cinco anos dando entrevista, né, é que eu tenho que vir, fazer minha parte e falar tudo o que eu quero falar e expor tudo o que eu quero fazer. O que o outro lado vai fazer, o canal de TV, aí a responsabilidade é deles com o material, com tudo aquilo que eles vão produzir. Eu me senti super à vontade hoje, da forma como vocês conduziram tudo isso, né? Eu gosto de falar, mesmo, né? É uma coisa que vai, flui e flui, né? Nem entrei nas viagens que a gente fez visitando os lugares, as ideias que a gente trouxe de cada região, porque não ia dar tempo. Era uma coisa que ia ficar monstruosa aqui, né? Mas são assuntos que eu tenho bastante carinho, né? Então, eu falo com bastante... hoje, depois de praticamente vinte e cinco anos como empresário, dezoito anos no setor de... com o bar fechado, né, quase trinta anos fazendo evento, a gente tem que entender que as coisas que aconteceram de ruim foram fundamentais pra gente caminhar pro lado bom também, né? Que a gente aprendeu muito com erros nossos, com erros de outros setores, ou de governo, ou de pessoas que tentaram nos atingir. A gente sempre tenta ver e falar: “Ah, o que nós vamos levar de bom disso aqui, daqui pra frente, né?” A gente tem uma brincadeira entre os sócios, que toda vez que algo dá muito errado, um manda comentário no grupo aqui ó: “Ficou o aprendizado, hein?” (risos) É uma forma como a gente se consola, do tipo: “Bola pra frente”, né? “Ficou o aprendizado”.

(02:33:54) P2 – Maravilha! Ficou o aprendizado.

(02:33:56) P1 – Ô, Zanin, eu queria te agradecer muito por ter participado. Foi muito legal, foi uma das entrevistas que eu mais curti fazer, mesmo porque eu gosto do assunto... Eu tava... Eu queria te agradecer pela entrevista, foi muito legal, que... então, acredito que nesse caso, do Vila Dionísio, faz parte das coisas que eu gosto também, então pra mim é mais legal ainda.

R1 – (risos) Ô, eu agradeço a oportunidade, tá bom? É muito legal, é muito bacana. Não deixa de ser... eu fiquei pensando para onde que ia caminhar essa entrevista, antes, quando vocês me convidaram. Falei: “Nossa, né?” Fui ver, fui entrar no site, porque de vez em quando a gente recebe, também, alguns pedidos de informação, assim, que a gente fica sempre, assim, desconfiado. A gente está sempre... o empresário está sempre sofrendo golpes, né, vamos colocar assim. Então é... E acaba ficando muito nostálgico, né? Acabou, aqui, eu lembrei da minha história de

vida, né, da minha família, da minha namorada, dos meus pais, da construção da escola. Eu não sou mais sócio da escola, né? Desde 2010 que a gente se separou. A escola encerrou as atividades esse ano, por conta da pandemia. Acabei ficando bastante triste, apesar de não estar mais trabalhando nessa escola, né? Eu trabalho em outras escolas, aqui da cidade. Mas é uma oportunidade da gente reviver uma série de coisas. Luís, você falou a respeito de que gosta tanto desse assunto, ou que gosta da história do Vila, né? Essa é uma das coisas que é mais gostosas em tudo que eu faço. Eu trabalho com o público em duas frentes. Eu trabalho com o público na educação, né, como professor de colegial e cursinho, né, e eu trabalho com o público nos bares e restaurantes. E eu recebo ex-alunos que hoje são meus médicos, né, que hoje são os médicos das minhas filhas, que hoje são pessoas que são muito relevantes na cidade. Então, e eu encontro nos bares pessoas que se conheceram nos bares, pessoas que criaram uma vida, então é uma coisa que é muito, muito, muito gratificante, assim. Eu não sei se eu tenho... eu tenho essa carência de que eu tenho que conhecer um monte de gente. Eu tenho que... Eu me alimento muito disso. Eu me alimento muito das diferenças, assim, sabe? Aliás, quanto mais diferente, mais eu fico encantado. Porque eu falo: "Cara, eu nunca tinha pensado nisso, eu nunca tinha visto sobre essa forma", né? E hoje foi mais uma experiência. Eu agradeço a vocês e eu espero que, de alguma forma, eu tenha contribuído, aí. E a gente marca a sessão de fotos na sequência. Obrigado, viu?

(02:38:04) P2 – A gente que agradece!

(02:38:06) P1 – E assim que terminar a pandemia, nós vamos aí, hein? Nós vamos no Vila.

R1 – Por favor! Faça questão de recebê-los e aí você já imagina que vai ter muito mais história, né?

P1 - Sim

(02:38:18) P2 – (risos) Tomara, tomara! Esperamos que seja em breve, né, Alexandre.

P1 - Sim

R1 – Ai, que ótimo. Tomara, se Deus quiser.

(02:38:25) P1 – Um abraço. Até mais!

(02:38:28) P2 – Tchau, tchau.

R1 – Obrigado! Tchau, tchau.

(02:38:29) P2 – Bom dia! Obrigada! Gratidão, viu?

R1 – Valeu!

(02:38:32) P1 – Tchau, tchau. Obrigada.